



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL
CATARINENSE - CRICIUMA, SC.
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**



**Trabalho Final de Graduação I
Autora: Denise Machado Pazini
Orientador: Dr. Jorge Luiz Vieira**

Tema: Hospedagem e Lazer Sustentáveis

**TÍTULO: HOTEL FAZENDA NA PAISAGEM
RURAL DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES.**

JULHO 2019



Figura 01: Caminho Rural em São José dos Ausentes/RS
Fonte: Autora



AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pela força e coragem durante esta caminhada. Aos professores que me acompanharam. Aos colegas pela socialização, em especial Argel Bilésimo e Thierry Minatto.

Agradeço ao meu orientador, Doutor Jorge Luiz Vieira por todo o apoio e principalmente pelo exemplo, de que a ética, a disciplina, a serenidade e o sorriso valem à pena, de que nós podemos fazer de nosso caminho um compromisso com um mundo mais justo.

Aos meus pais, Valkíria e Dioclécio Pereira Machado, pelo amor e apoio incondicional.

Ao meu filho que me encorajou à esse desafio.

Ao meu esposo por compartilhar choros e sorrisos.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa etapa da minha vida.

LISTA DE FIGURAS E DE MAPAS

Figura 01: Caminho rural em São José dos Ausentes/RS.

Figura 02: Os passos que a evolução humana tomou.

Figura 03: Paisagem nevasca, cultivo de pinus – SJA

Figura 04: Celeiro sob neve na paisagem rural de São José dos Ausentes.

Figura 05: Construção viaduto na Serra da Rocinha – BR 285

Figura 06: Croqui com vista à um dos acessos da fazenda.

Figura 07: “Cachoeira da Valéria” compõe uma das belezas naturais do recorte.

Figura 08: Poço natural sob a encosta da mata nativa

Figura 09: Formação de rochas

Figura 10: Descanso com a contemplação das taipas.

Figura 11: Beleza natural do lugar.

Figura 12: Tripé da sustentabilidade

Figura 13: Mosaico de campo nativo e mata de araucária.

Figura 14: Vegetação nativa que abriga a Cachoeira da Piscina.

Figura 15: Cachoeira da Piscina – Rio das Antas

Figura 16: Riacho de água límpidas corta o campo

Figura 17: Formação vegetal mista com espécies de araucárias

Figura 18: Vista do jardim da Secretaria de Turismo de SJA, em tempestade de granizo.

Figura 19: A serração é fenômeno quase diário na região.

Figura 20: Arquitetura da região. Avenida principal de Cambará do Sul/RS. Caminho Rural em São José dos Ausentes/RS

Figura 21: Casa de esquina. Cidade de Cambará do Sul.

Figura 22: A casa de madeira é um traço da colonização italiana do município de São José dos Ausentes.

Figura 23: Vista da cidade de São José dos Ausentes.

Figura 24: Vista aérea da cidade de São José dos Ausentes.

Figura 25: Fazenda Montenegro.

Figura 26: Pousada Ecológica dos Canyons.

Figura 27: Pousada Altos da Serra.

Figura 28: Pousada Caminhos da neve.

Figura 29: Fazenda Potreirinhos.

Figura 30: Pousada Aparados da Serra.

Figura 31: Pousada Flores dos Campos.

Figura 32: Morada das Glicíneas.

Figura 33: Pousada Toca da Onça

Figura 34: Pousada Cachoeirão dos Rodrigues.

Figura 35: Casa Chalé.

Figura 36: Pousada Vale das trutas.

Figura 37: Córrego com pequenas quedas segue na paisagem do terreno.

Figura 38: Vegetação mista.

Figura 39: Nevasca sob araucárias

Figura 40: Cachoeira do “Seu Jovenal”.

Figura 41: Mirante da Serra da Rocinha.

Figura 42: Paisagem peculiar do campo.

Figura 43: Desnível dos rios.

Figura 44: Cânion Monte Negro.

Figura 45: Cachoeirão dos Rodrigues.

Figura 46: Pórtico Turístico do município de São José dos Ausentes.

Figura 47: Na praça da matriz.

Figura 48: A cultura dos Ausentinos.

Figura 49: Vista aérea da cidade de São José dos Ausentes.

Figura 50: Maquete física do terreno com as condicionantes naturais.

Figura 51: Vista do terreno para a implantação.

Figura 52: Local sob uma altitude de 1.198 m., vista para a cachoeira da “Valéria”.

Figura 53: Altitude 1.165 metros.

Figura 54: Acima, vista belvedere de 1,149 metros.

Figura 55: Riacho pequenas quedas.

Figura 56: Cachoeira do Pinheiro Grande.

Figura 57: Cachoeira da Valéria.

Figura 58: Cachoeira Oculta.

Figura 59: Cachoeira da Piscina.

Figura 60: Vista belvedere.

Figura 61: Cachoeiras cortam o terreno.

Figura 62: Imagem aérea do terreno..

Figura 63: Riacho com pequenas quedas.

Figura 64: Vista formação vegetal.

Figura 65: Paisagem típica nas fazendas serranas.

Figura 66: A porteira e os mangueirões de taipa.

Figura 67: Solo mexido onde passará a BR 285.

Figura 68: Visão para o Vale com o solo mexido onde passará a BR 285.

Figura 69: Na divisa do terreno, vê-se o Rio das Antas.

Figura 70: Área pública central e edifícios privados locados no entorno.

Figura 71: Vista aérea espaço de lazer.

Figura 72: Vista implantação do Resort.

Figura 73: O volume não destoa na paisagem.

Figura 74: Bangalôs 80 m².

Figura 75: Implantação.

Figura 76: Edifícios escalonados.

Figura 77: Acessibilidade na diagonal.

Figura 78: Vista para o Estádio e o Guaíba.

Figura 79: Volumes;

Figura 80: Corte longitudinal;

Figura 80: Esquema paisagem do lugar;

Figura 81: Trilha;

Figura 82: Cavalgada;

Figura 83: Banho Cachoeira da Piscina;

Figura 84: Esquema tratamento de esgoto;

Figura 85: Esquema aproveitamento água da chuva;

Figura 86: Acessibilidade com transporte funicular;

Figura 87: Chalé Tipo 2;

Figura 88: Carro Golf elétrico;

Figura 89: Rochas e araucárias, beleza natural do lugar.

Figura 90: Maquete física do recorte;

Figura 91: Croqui – O Homem e a Natureza;

Figura 92 : Maquete física implantação final;

Figura 93: Corte esquemático conjunto de chalés;

Figura 94: Corte esquemático chalé tipo 2;

Figura 95: Planta baixa chalés tipos – 1 e 2.

Tabela 01: Indica os principais produtos e serviços escoados e seus prejuízos sem a conclusão da rodovia – BR 285

Mapa 01: Vias que indicam a rota dos tropeiros.

Mapa 02: Mapa do Estado do Rio Grande do Sul.

Mapa 03: São José dos Ausentes – Subdistritos dos Campos de Cima da Serra – RS.

Mapa 04: Mapa do Brasil.

Mapa 05: Turismo no Estado do Rio Grande do Sul.

Mapa 06: Mapa Regional.

Mapa 07: Perímetro Municipal de São José dos Ausentes, RS.

Mapa 08: Mapa esquemático da localização do recorte.

Mapa 09: Mapa hidrográfico do solo de São José dos Ausentes

Mapa 10: Hipsometria de São José dos Ausentes.

Mapa 11: Declividade de São José dos Ausentes.

Mapa 12: Cobertura e uso do solo de São José dos Ausentes.

Mapa 13: Projeto de hierarquia viária de São José dos Ausentes.

Mapa 14: Projeto de zoneamento de São José dos Ausentes

Mapa 15: Isodeclividade do terreno proposto.

Mapa 16: Mapa topográfico e hidrográfico do recorte.

Mapa 17: Mapa cobertura vegetal do recorte.

Mapa 18: Traçado das vias de acesso ao recorte

Mapa 19: Síntese das condicionantes do recorte.

Mapa 20: Primeira implantação em eixo;

Mapa 21: Implantação proposta atual;

Mapa 22: Recorte analisado com a proposta final;

Mapa 23: Implantação de todo o conjunto;

Mapa 24: Recorte proposto final.

SUMÁRIO:

01 INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO: 18
PROBLEMATICA 19
JUSTIFICATIVA: 20
CAMINHO DOS TROPEIROS; TURISMO E A BR 285:21
ESTUDOS PREJUIZOS SEM A CONCLUSÃO BR 285:22

OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICOS: 24
METODOLOGIA DA PESQUISA: 26

02 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

TEMA CENTRAL E TEMAS COMPLEMENTARES: 30
40

03 METODOLOGIA E ANÁLISE DO RECORTE

ESCALA MACROREGIONAL: 42
ESCALA REGIONAL: 45
ESCALA MUNICIPAL: 48
ESCALA DO RECORTE: 61
70

04

REFERENCIAIS PROJETUAIS

INFINITY BLUE – RESORT E SPA: 73
FAZANO LAS PIEDRAS RESORT E SPA: 74
CONDOMÍNIO SANTA TEREZA: 75 e 76
REFÚGIO RONES: 77
BOTANIQUE HOTEL E SPA: 78

05

PARTIDO ARQUITETÔNICO

CRITÉRIOS E ESCOLHA DO TERRENO: 83
CONCEITOS E DEMANDAS TURÍSTICAS: 84
PÚBLICO ALVO: 85
INTENÇÕES PROJETUAIS: 87
91
DIRETRIZES: 92
PROGRAMA NECESSIDADES: 93
ORGANOGRAMA: 94
95
ANÁLISES, ZONEAMENTO, IMPLANTAÇÃO: 96
EVOLUÇÃO DA PROPOSTA: 97
PROPOSTA ATUAL: 98
PROPOSTA FINAL: 100
PRIMEIRAS IDÉIAS DE PARTIDO: 100
105

07

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS: 108
112

INTRODUÇÃO

A análise da estrutura de toda a atividade, seja da natureza, seja do homem, requer, antes de tudo, o estabelecimento de limites no contexto em que ela se processa. (BENI, 1998 pág. 19)

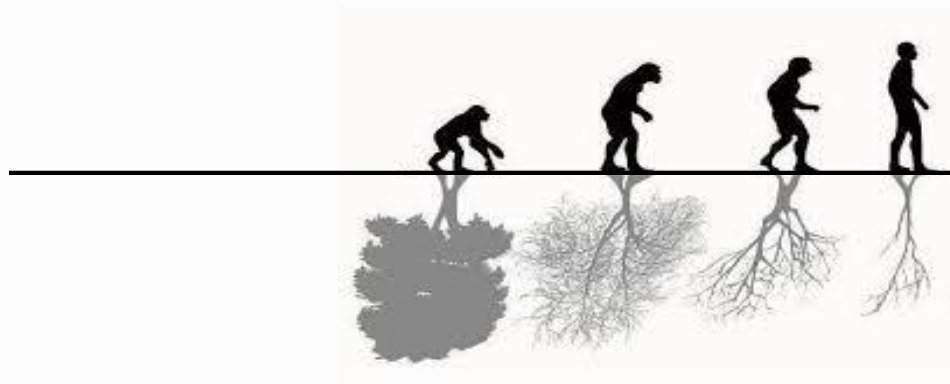


Figura 02: Os passos que a evolução humana tomou.

Fonte: netnatute.wordpress.com



Figura 03: Paisagem nevada, cultivo de pinus, SJA.

Fonte: Autora.



APRESENTAÇÃO:

As áreas naturais pouco exploradas por todo o território que integram os Campos de Cima da Serra, destacando o município de São José dos Ausentes, representam grande potencialidade da atividade turística, inclusive para turistas internacionais. A preocupação acerca da conservação destas áreas deve ser pertinente, de forma sustentável, buscando uma solução para aproveitar dos bens naturais de uma forma racional e de baixo impacto.

As hospedagens rurais proporcionam usufruir da cultura regional, do clima, dos bens ecológicos, bem como à fuga de volta à natureza, práticas ao ar livre, esportes radicais. Implantar um Hotel Fazenda, seguindo os preceitos da sustentabilidade, em área rural de 83 hectares, será o desafio frente ao Trabalho Final de Graduação.



Figura 04: Celeiro sob neve na paisagem rural em São José dos Ausentes.
Fonte: Autora.

PROBLEMÁTICAS

Em São José dos Ausentes, os impactos poderão estar relacionados às alterações nas atividades econômicas, com maior produção dos escoamento dos produtos agrícola, pecuária e industrial. Outro pilar para fomentar a economia do município é o desenvolvimento do turismo, seguido pela procura de imóveis com a especulação imobiliária. Resultado: alteração impactante no cotidiano da população. A exemplo, a expectativa da população com relação à maior oferta de trabalho, podendo gerar demandas e conflitos, abrir as portas para a destruição ambiental se não forem planejadas com cuidado.

Contudo, as rodovias podem atuar como artérias que transportam pessoas e mercadorias, conectam países e comunidades e impulsionam o desenvolvimento econômico, educacional, cultural e permite maior relação na área da saúde.

1 – Sócio-Cultural: Este trabalho se justifica inicialmente pelo apelo social e cultural contido no tema, abordando a sustentabilidade como uma das diretrizes de projeto.

O ser humano em busca do progresso e dos lucros a qualquer custo, atingiu níveis alarmantes de irresponsabilidade em relação ao planeta e aos próprios seres humanos que os habitam.

Vê-se a necessidade urgente por mudanças na forma de habitar e intervir na terra.

A humanidade precisa aprender a coexistir com o meio ambiente natural e entender que o homem faz parte desse meio, e que ambos formam um único sistema. Chegou o momento de se perceber que o meio ambiente está pressionando à humanidade mudar.

Sendo assim, o projeto que se preocupa com os impactos ambientais, possui elementos suficientes para se justificar.

2 – Sócio-Econômico: Estudos mostram que impactos provocados por estradas, vão além dos danos ambientais e podem ter resultados negativos ou positivos, dependendo do somatório final de impactos gerados.

3 - Acadêmica: Busca-se elaborar um projeto arquitetônico de um Hotel Fazenda, em área com 83 hectares, de formas simples, porém eficientes, com a utilização de materiais e processo de construção que minimizam os impactos ambientais, permitindo uma construção limpa e sustentável, e que seja desenvolvida do ponto de vista energético,

com a utilização de fontes limpas de geração de energias, além da captação de luz e ventilação natural.

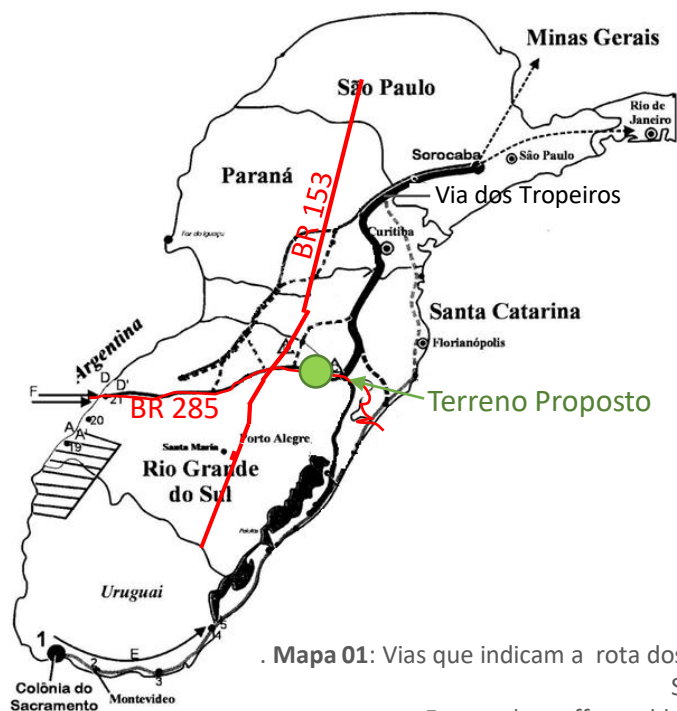
Também há intenção que o projeto seja integrado com meio ambiente e que leva em conta o turismo regional.

4 - O Município: As transformações sócio-espaciais ocorridas em São José dos Ausentes, lentamente vem sendo provocados por agentes imobiliários em consequência das atividades de inverno no turismo serrano, o que atrai investidores, entre outros, para o setor hoteleiro.

Segundo dados colhidos em entrevistas na administração, junto a Secretaria de Turismo do Município de São José dos Ausentes, o município possui atualmente poucos leitos distribuídos entre Hotéis e Pousadas.

Vias de importantes conexões, gaúchas e catarinenses, reforçadas pela conclusão de pavimentação do trecho da Serra da Rocinha (BR 285), que une a Argentina a BR 101, no sul catarinense, poderá surgir um portal importante entre a relação da serra gaúcha com a serra catarinense e o litoral com as belíssimas praias. Tais condições demonstram a urgência na implementação de um projeto arquitetônico, urbanístico e paisagístico ancorados no turismo sustentável de um Hotel Fazenda, integrada à natureza e aos visuais e as políticas de desenvolvimento local, com intuito de dar melhores condições à realização da atividade turística, e de contribuir para o desenvolvimento social e econômico do município.

CAMINHO DOS TROPEIROS



Mapa 01: Vias que indicam a rota dos tropeiros.

Sem Escala.

Fonte: abrasoffaong.blogspot.com

O mapa acima nos dá uma idéia do que ocorreu no passado com os tropeiros. Centenas de milhares de mulas, cavalos, bois e porcos foram transportados por essas trilhas. Esse deslocamento impulsionou o crescimento econômico dessas localidades, incrementando gradativamente a economia regional.

O TURISMO E A BR 285

Apontada como solução logística no sul do Brasil

Nos idos de 1950, surgia a BR116 como integradora das rodovias nacionais. Em 1954 foi inaugurada a Rodovia BR153, Rodovia Transbrasiliana, chamada de BR 14 até 1964. O turismo e a economia contemporânea criaram a BR 101 e a Interpraia, possibilitando a relação de Mar com a Serra, através das vias principais de articulação litoral e interior profundo. A BR 285, vindo das Missões, corta o município de São José dos Ausentes, atravessando o terreno selecionado, desce 1.200 metros pela Serra da Rocinha à Timbé do Sul. A SC 447, articula o segmento sul (Criciúma, Siderópolis, Treviso e Lauro Müller, descendo 1.400 metros de altitude pela Serra do Rio do Rastro. Já a SC 450, São João do Sul e Praia Grande, possui acesso direto aos mil e cinquenta metros de altitude, do topo dos aparados que conforma o Itaimbezinho, articulando-se com a RS 427 que leva à vizinha Cambará/RS. Assim, o segmento do sul pode ser transferido em portal de importante relação da serra gaúcha com a serra catarinense e o litoral. A BR 153, considerada como uma das principais rodovias de integração nacional do país.



Figura 05: Construção viaduto na Serra da Rocinha – BR 285.

Fonte: Autoral

TABELA 1 - ESTUDOS DOS PREJUÍZOS SEM O TÉRMINO DA PAVIMENTAÇÃO DA BR 285.

| Produtos | Previsão de Fluxos | Economia em Transporte | Economia em Quilômetros | Fontes |
|---|--|---|---|--|
| Gado | 250 caminhões | 76.000,00 | 19.000 | CIDASC, IBGE, Atlas Sócio Econ. |
| Madeira | 31.000 caminhões | 14.290.608,80 | 725.400 (pallets até o porto) | CIDASC e Produtores |
| Batata | 9.888 caminhões | 900.909,16 (em hs e pedágios) | PIB Turíst.3,566 a 700,48 (Vale Araranguá) | IBGE e Transp. |
| Maçã | 5.600 caminhões | 621.600,00 | R\$ 3.356.640,00 | AGAPOMI e Empresa de Export. |
| Produtos Rurais | 195 a 227 bancas de prod. rurais | 11.448.972,00 (Prev. Venda das Bancas) | - | Bancas da Rota do Sol e IBGE |
| Soja | 178.378 caminhões | 69.567.567,57 | 13.514 | Porto de Imbituba, Embarque e CBR |
| Arroz | 9.000 caminhões | 12.842.550,00 | 2.835.000 | Cooper. e Indústr. do Vale do Araranguá |
| Café | 600 caminhões | 194.016,00 | 28.200 | Indústr. de Café do RS. |
| Carros e ônibus Argentinos | 22,412 carros 726 ônibus Argentinos | R\$3.644.298,00 | 5.206,140 | Polícia Rod. Federal, Mercovias e CONDESUS |
| Indo às Praias | 90.000 carros indo rumo ao litoral | R\$35.903.700,00 (PIB Trade Turismo) | 12.150.000 | CONDESUS, Ministério do Turismo e IBGE |
| Universitários | 80 universitários a mais | R\$185.760,00 (econ. em passagem) | 278,400 | Assoc. Empres. e Empresas do Vale do Araranguá |
| Petróleo | 86.056 barris | R\$ 15.727.143,44 (Estim. de Sustentabilidade) | | Empresários do Vale do Araranguá e Petrobrás |
| Cerâmica da Região de Criciúma | 21.000 caminhões | 30% da Região do Criciúma. R\$ 17.868.060,00 | 3.654.000 | SINDICERAM |
| Atacado Vestuário do Vale do Araranguá | 520 Ônibus | R\$ 288.600,00 | 57,720 | Associação Empresarial e Shoppings BR 101. |
| Estimativa R\$ 14.478.507,46 de Impostos Perdidos | PIB Turístico perdido sem a BR 285 = R\$158.947.069,73 | Taxa média arrecadada PIB X Impostos = 9,11% | | IBGE, CANDESUS e Ministério do Turismo. |

Tabela 01 – Indica os principais produtos e serviços escoados e seus prejuízos sem a conclusão da rodovia – BR 285.
 Fonte: ACIVA (Associação das Indústrias do Vale do Araranguá).

TOTAL: R\$ 222,5 MILHÕES



Figura 06: Croqui feito no local do terreno. Vista da varanda à um dos acessos da Fazenda.
Fonte: Autora

GERAL:

Desenvolver um plano de ocupação de um terreno localizado às margens da BR 285, no município de São José dos Ausentes, para implantação de um equipamento de hospedagem e lazer, proposto a nível de partido no TFG I, e a nível de anteprojeto no TFG II.

ESPECÍFICOS:

1. Efetuar levantamento teórico, para melhor compreensão das atividades de hospedagem e lazer no meio rural.
2. Contextualizar o recorte para identificar as condicionantes, deficiências e potencialidades relacionadas à hospedagem e ao lazer no município de São José dos Ausentes;
3. Realizar leituras de dados sociais, econômicos e da paisagem urbana e rural do município de São José dos Ausentes e região.
4. Estudar referenciais de projeto de hospedagem e lazer em meio rural, que se norteiam pelo conceito de sustentabilidade ecológica.



1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DOS PRINCIPAIS TEMAS ESTUDADOS:

As Mudanças na Paisagem dos Campos de Cima da Serra; Turismo e Sustentabilidade; Desenvolvimento Sustentável nas Cidades; Arquitetura e Ecologia; Desenvolvimento Do Tropeirismo nos Caminhos do Cone Sul; Paisagem Cultural; História Crítica da Arquitetura Moderna; Arquitetura Latinoamericana Contemporânea.

2. COLETA E ANÁLISE DE DADOS:

- Levantamentos de Dados em locais como: Prefeitura Municipal de São José dos Ausentes; Secretaria de Turismo de São José dos Ausentes; Jussara Alves Pinheiro Sommer, Tese Doutorado em Geociência; Professor Maurício Pamplona, auxiliando no Georeferenciamento. Proprietário do terreno, Fábio Estevam Machado; Saída de campo; Internet e Livros.

- Análise de Dados através de mapas, esquemas e textos;

- Levantamento Fotográfico da Paisagem, percepção e observação das características do recorte;

3. CONTEXTUALIZAÇÃO:

- Análises em escalas: macrorregional, regional, municipal, recorte e sub recorte;
- Interpretação, análise e diagnóstico do recorte;
- Elaboração de mapa de zoneamento de uso e ocupação da área;
- Definir a área mais adequada na paisagem para locar o equipamento que será proposto;
- Análises e justificativas do lugar de implantação do projeto;

4. DIRETRIZES GERADORAS DE PARTIDO:

- Textos, esquemas, maquete física;
- Programa estabelecido;
- Pré-dimensionamento.

5. PESQUISA DE REFERENCIAIS:

- Estudos e análises de referenciais conceituais e projetuais, afim de aplicar na proposta, levando em consideração o conceito, o contexto, estratégias de intervenção, forma e materialidade de cada referencial;

6. Lançamento do Partido:

- Turismo e Sustentabilidade para usufruir da paisagem típica da Região do sul do país.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desenvolvimento sustentável é aquele que responde às necessidades atuais sem comprometer a possibilidade das futuras gerações em prover das próprias necessidades.

**A Terra pertence a todos,
aos vivos, aos mortos e aos
que não nasceram ainda.
(Antigo ditado africano).**

O termo “desenvolvimento sustentável” tornou-se proeminente após a publicação do Relatório Brondlandt, em 1987. Esse relatório foi formulado pela Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento Global à Mudanças. Assim o termo “sustentabilidade” tornou-se o bordão das últimas décadas. Para reconhecer o desenvolvimento sustentável como fundamental à nossa civilização, tendemos a ignorar o fato de que o fenômeno da sustentabilidade é a nossa herança revolucionária. É um aspecto peculiar a todos os sistemas vivos. Obtivemos evidências fortes para acreditar que qualquer ação que não seja sustentável é uma aberração.

Para a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2004), o desenvolvimento sustentável do turismo é um processo contínuo que requer monitoramento constante dos impactos que a

atividade pode causar, de modo que, com ações de manejo, seja possível minimizar os impactos negativos e maximizar os benefícios potenciais, buscando medidas preventivas ou de correção de rumos.

Sistemas naturais evoluíram para um estágio de sustentabilidade por meio de processos ecológicos essenciais: o processo simbiótico e o processo auto-organizativo ou autopoietico

Simbiose é o processo que mantém integradas as cadeias, consorciais e outras ligações co-evolucionárias nos sistemas naturais. Segundo Margulis, co-autora da hipótese Gaia: Cooperação simbiótica é, finalmente, tão importante quanto a competição da ‘sobrevivência do mais forte’; para competir...você tem que cooperar. Agora acreditamos que a visão doutrinária darwiniana ‘ natureza vermelha em dentes e garras’ é ingênua e incompleta. Simbiose significa sobrevivência. Nas condições caóticas que marcaram o início da evolução da Gaia, mais do que somente competindo pela sobrevivência, a matéria de estruturas químicas primitivas deu seu salto evolucionário através da sustentabilidade. Fato que formou cadeias simbióticas.

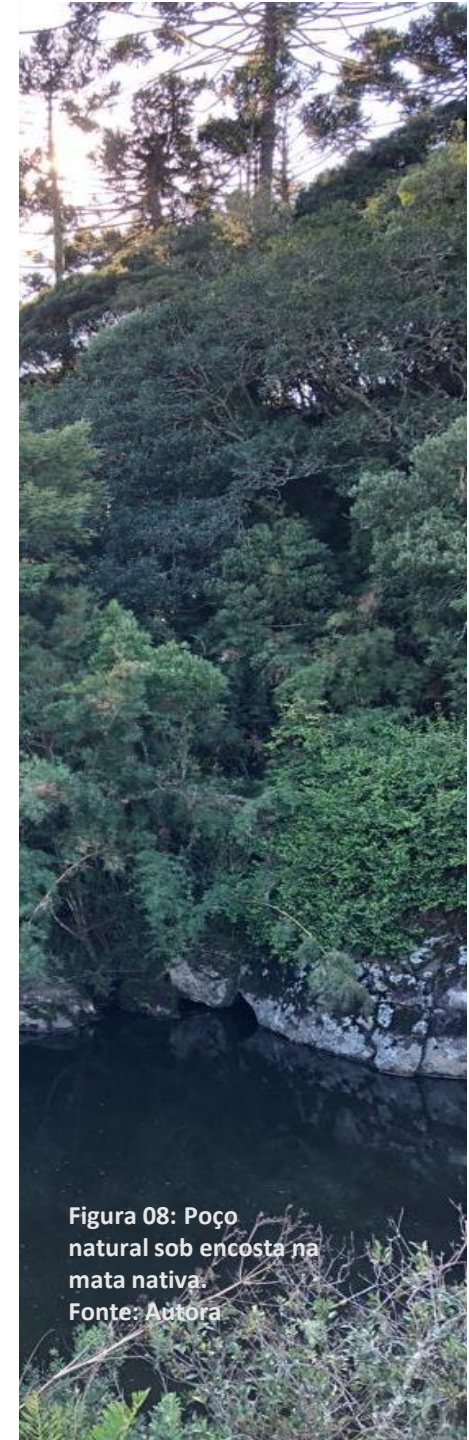


Figura 08: Poço natural sob encosta na mata nativa.
Fonte: Autora



A mais notável dela foi o caso da cianobactéria anaeróbica “apreendendo” a respirar oxigênio. Nossa herança “gaiana” de sustentabilidade através da simbiose e auto-organização ainda continua. No mundo do micro, podemos trazer o exemplo dos líquens, que são as bacterianas unicelulares ligadas a fungos em uma cadeia simbiótica. As algas criam outra forma de resistir separadamente, combinam para criar condições sustentáveis para a vida. A alga oferece a fotossíntese e o fungo contribui com água, dióxido de carbono e com a igualmente importante estrutura firme. No mundo macro, todas as florestas tropicais começaram com semente que cresceram até mudas e, por sua vez, cresceram até arbustos e árvores.

Nesse estágio de crescimento, houve um aumento de biomassa, um aumento em tamanho e um aumento em produção e complexidade. Raramente, a floresta chegou a uma fase madura e entrou em uma fase sustentável, na qual energia não foi mais usada para o crescimento, mas para a manutenção da comunidade.

Um sistema autopoietico, por outro lado, evolui a um estágio que é capaz de manter um balanço dinâmico contínuo entre a individualidade de seus integrantes e sua interdependência. Por exemplo, uma haste de trigo é autônoma, mas sua autonomia é derivada de sua interdependência de seus arredores. Estruturas auto-organizadas ou autopoieticas sustentam-se constantemente balanceando, por um lado, a necessidade de ficar abertas a elas. Quando buscamos a sustentabilidade em nossas cidades, sociedades e organizações, é importante

lembrar que ela não significa um momento de estagnação. É fácil confundi-la com um estado de harmonia e estabilidade sem fim. Ao contrário, um estado sustentável é tudo, menos estático. Para ficar estável, deve-se ser perpetuamente dinâmico, como o ato de manter uma bicicleta em um estado de movimento permanente, de sorte a balanceá-la. Uma planta, por exemplo, é sustentável porque “aprendeu” a manter um balanço dinâmico entre sua individualidade e sua interconexão com o solo, a atmosfera e os organismos do solo. Se a composição do solo muda em pequenos porcentagens, a planta é capaz de rapidamente responder à mudança, alterando o seu valor de pH, por exemplo. O processo de simbiose e autopoiese, como podemos ver, não estão restritos somente a sistemas naturais. São aplicáveis nas sociedades humanas, uma vez que essas, tal como os sistemas naturais, têm a sustentabilidade como fenômeno intrínseco e universal.

Geralmente é gerada por sub-processos como simbiose e autopoiese, sendo a única diferença que deve ser feita de boa vontade e conscientemente. A simbiose pode dar-se entre pessoas, atividades e diferentes níveis de hierarquia.

O desenvolvimento sustentável consiste em ir tocando as bases para compreender-se a realidade atual e quando a mesma realidade deixa de ser viável. É uma opção alternativa nesse projeto, o qual apresenta grandes possibilidade de mudanças no futuro e não somente conservar o passado.

HOSPEDAGEM E LAZER SUSTENTÁVEIS

A globalização trouxe uma nova realidade para o mercado turístico, e consequentemente para o setor da hotelaria. As pessoas tornaram-se mais conscientes em relação ao seu papel de consumidores, e também mais exigentes no que tange os serviços ao se hospedarem, o que acarretou na maior competitividade entre os hotéis e a necessidade destes em inovarem para gerar vantagens na competitividade (MENEZES e CUNHA, 2015).

Na atual conjuntura, a sustentabilidade entra como uma grande aliada na inovação dos empreendimentos hoteleiros, visto que empreendimentos que se preocupam em administrar os impactos causados por suas atividades, produtos e serviços, e, além disso, apresentam sustentabilidade vinculada a atuação, alcançando assim avanços significativos na visibilidade e retornos financeiros positivos (DALLAS, 2014).

A prática sustentável no mundo dos negócios e a necessidade de ver como ela se insere no setor hoteleiro, vale questionar como a prática de sustentabilidade acontece nos hotéis sustentáveis do Brasil?

Sabe-se que a hotelaria sustentável tem apresentado resultados positivos nos últimos anos, visto que os conceitos de sustentabilidade vem sendo aplicados nas indústrias e empresas de maneira a reduzir impactos ambientais que são causados por suas atividades, e assim pode minimizar

custos de produção e tornar suas atividades sustentáveis. (STEPHANOU, 2009).

De acordo com a pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo (2016), o Brasil em 2015 foi citado pela terceira vez consecutiva no Fórum Econômico Mundial, sendo que num ranking de 141 países, nosso país ficou em primeiro lugar no quesito atrativo natural, refletindo a importância na prática da sustentabilidade.

Em 2006 foram definidos pelo Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável (CBTS) princípios que constituem a referência nacional para o Turismo Sustentável, são eles: respeitar a legislação vigente; considerar o patrimônio cultural e os valores locais; estimular o desenvolvimento social e econômico dos destinos turísticos; garantir a qualidade dos produtos, processos e atitudes; e estabelecer o planejamento e a gestão responsáveis (NBR 15401, 2006).

A hotelaria sustentável pode ser agrupada em inúmeras categorias e utilizarem os variados tipos de gestão, dependendo da classificação feita por cada autor.

Para Gil, Jiménez e Lorente (2001) a gestão ambiental nas redes hoteleiras dividem-se em duas categorias: atividades técnicas, sendo as que apresentam impactos direto na redução da emissão de poluentes; e as organizacionais, que não exercem impacto diretos mais atuam nos sistemas



Figura 09: Formação de rochas.
Fonte: Autora



formalizados, como por exemplo, planejamento, treinamentos e controle; com o objetivo de reduzir o impacto ambiental negativo.

A sustentabilidade corporativa é definida por Wang (2005) como estratégias de negócio que criam valor para os seus acionistas no longo prazo ao mesmo tempo em que adotam oportunidades e gerenciam riscos para somar aos valores sociais e ambientais dos seus stakeholders externos.

Dessa forma, hotéis sustentáveis são definidos por Wada (2007) como sendo uma forma de educação informal, onde é possível alinhar de maneira simples e participativa, marketing, economia, consciência e responsabilidade social.

Segundo Schenini, Lemos e Silva (2005) o Brasil possui patrimônio natural como principal atrativo turístico, visto a sua grande diversidade de paisagem, o que é preocupante em relação a utilização dos recursos naturais que são cada vez mais ameaçados.

Muitos utilizam o chamado Greenwashing, também conhecido como “maquiagem verde”, que é explicado por Pagotto (2013) como sendo a imagem ambiental positiva que uma organização transmite e seus interessados e que, no entanto não condiz com a sua realidade, fazendo propaganda enganosa aos consumidores, mascarando seus impactos negativos com objetivo de gerar vantagens competitivas. Inúmeros são os fatores que influenciam na sustentabilidade de um hotel. Gil et al (2001) acredita que os fatores que exercem maior impacto na gestão ambiental dos hotéis, são:



Figura 10: O descanso com a contemplação das taipas.
Fonte: Autora

a idade das instalações, o tamanho do hotel, a influência da cadeia, a pressão ambiental das partes interessadas e o uso de técnicas de gestão da operação, além da categoria jurídica e do tipo de turismo predominante no local em que o hotel se localiza.

No Brasil não existe muitas especificações voltadas para a hotelaria. A mais específica e completa delas é a NBR 15401 de Meios de hospedagem – Sistema de Gestão da Sustentabilidade (2006) que é voltada para a hotelaria sustentável. A Norma tem a finalidade de fortalecer o setor, estimulando a conscientização dos hotéis em relação à sustentabilidade e ampliando a sua vantagem competitiva. Sua função é aprimorar a qualidade na gestão e nos serviços dos hotéis, atendendo a legislação e possibilitando a preservação ambiental e da cultura local, a consciência social, o desenvolvimento econômico –financeiro e, além disso, aumentar a possibilidade dos hotéis de se inserirem no mercado internacional.

A arquitetura ecológica e a arquitetura sustentável são parecidas em conceito, a diferença é mais um caso de ênfase do que uma definição precisa. Para melhor compreensão, abro com o conceito de ecologia. A palavra Ecologia tem origem no grego “oikos”, que significa casa, e “logos”, estudo. Em 1869, o cientista alemão Ernst Haeckel foi o pioneiro a usar este termo para designar o estudo das relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem.

Logo, a arquitetura ecológica é aquela que tem cuidado especial com a integração do edifício com o meio ambiente, procurando causar o menor impacto possível à natureza.

Está associada a técnicas de construção, como iluminação e ventilação natural, às estratégias verdes, como os jardins verticais e os telhados verdes, ao aproveitamento da água da chuva, e ao uso de materiais locais e naturais como por exemplo; a madeira, pedras, vidro.

Definindo a arquitetura sustentável: O conceito de sustentabilidade é mais novo e mais difícil de definir. O termo “sustentável” tem origem do latim sustentare, que significa sustentar, apoiar e conservar. A definição mais conhecida é a do relatório Brundland, (1987) da ONU – “desenvolvimento sustentável é aquele que entende as necessidades das gerações atuais sem se comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades e aspirações”.

Muitos estudiosos discutem e complementam esta definição. Por exemplo Leonardo Boff no seu artigo Sustentabilidade tentativa de definição disse: “Esse conceito é correto mais possui duas limitações: é antropocêntrico (só considera o ser humano) e nada diz sobre a comunidade de vida (outros seres vivos que também precisam da biosfera e da sustentabilidade)” Portanto, a arquitetura sustentável é aquela que busca minimizar os impactos ao meio ambiente, sendo ecologicamente correta, mas também deve prometer o desenvolvimento social e cultural, além de ser viável no âmbito econômico.

O tema dominante na construção sustentável é a eficiência energética e hídrica, para alcançá-la pode-se usar as mesmas técnicas passivas da construção ecológica, mas além disso, também pode ser adicionado o uso de tecnologias atuais que otimizam a edificação, como por exemplo, o uso de painéis solares fotovoltaicos, materiais fabricados em escala industrial e sistemas de automação, entre outros.

Tem que considerar a saúde dos usuários, o ciclo de vida da edificação e dos materiais, incluindo a qualidade e a durabilidade, além dos fatores sociais, como por exemplo, condições de trabalho dos funcionários envolvidos na obra.

Diferença entre a Arquitetura Sustentável e a Arquitetura Ecológica?

Como descrito acima, os conceitos são mais uma questão de ênfase e tem significados diferentes para cada pessoa. A própria definição de arquitetura já incorpora uma arquitetura sustentável e ecológica.



Figura 11: Beleza natural do lugar.
Fonte: Autoral



Outra definição muito usada é o tripé da sustentabilidade, que é formado por três elementos; econômico, ambiental e social. Esse conceito foi criado nos anos 1990 pelo sociólogo britânico John Elkington.

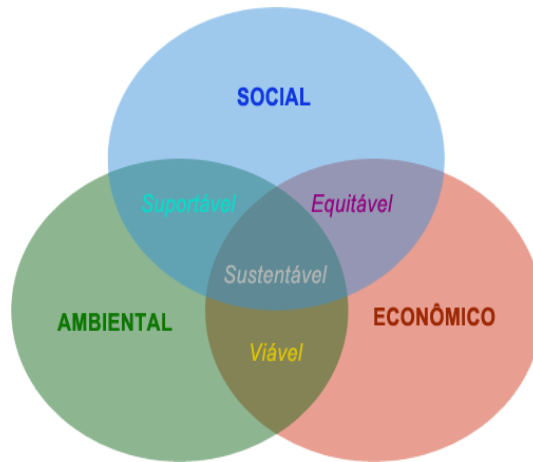


Figura 12: Tripé da Sustentabilidade.

Fonte: educa.org.br

. Portanto, a arquitetura sustentável é aquela que busca minimizar os impactos ao meio ambiente, sendo ecologicamente correta, mas também deve prometer o desenvolvimento social e cultural, além de ser viável para economia da região dos Campos de Cima da Serra.



Figura 13: Mosaico de campo nativo e mata de araucária.

Fonte: Autoral

Segundo SOUZA (2000) enfatiza que o turismo no meio rural é uma atividade que deve ser economicamente sustentável, correta ecologicamente, socialmente justa e verdadeiramente rural. O turismo no campo deve estar integrado ao meio rural, ter qualidade nos serviços e equipamentos, atividades e sustentabilidade ambiental. A autora ressalta que a sustentabilidade do turismo rural depende da preocupação ecológica, da cadeia do sistema produtivo, do manejo verde, conscientização ambiental e o envolvimento da comunidade local nas atividades turísticas.

De acordo com OLIVEIRA (2002), são as características das paisagens do campo e suas peculiaridades motivadores do turismo rural, devido a isso é fundamental importância mantê-las em equilíbrio para a geração futura do próprio negócio. Esta manutenção é bastante abrangente e está diretamente ligada ao conceito de desenvolvimento sustentável. Por sustentável entende-se um desenvolvimento harmônico e integrado que gera retorno econômico, respeitando o meio ambiente natural e sociocultural.

Já para IRVING ET AL (2005), promover o turismo rural sustentável não representa apenas controlar e gerenciar os impactos negativos causados pelas atividades turísticas. Mais do que isso, na atual conjuntura, o turismo é um importante agente da economia globalizada para gerar o desenvolvimento local

com a conservação dos recursos ambientais, e promover a responsabilidade social e cultural. Tais aspectos devem ser responsabilizados por todos os envolvidos e podem ser mutuamente reforçados.

O turismo utiliza de vários recursos naturais, e em grande parte esses recursos podem ser o principal atrativo de um destino turístico, como: o ar puro das montanhas; as terras; as águas minerais com propriedades terapêuticas propensas a locação de spas; a água de mares, se ela for adequada ao banho, cachoeiras. Contudo, apesar do turismo oferecer um aparato protetor aos recursos naturais, ele pode ser também uma ameaça à sua sobrevivência (SWARBROOKE, 2000).

O investimento em atrativos turísticos devem levar em consideração as áreas até então indisponíveis e disponíveis para a atividade agrícola, porém de forma sustentável. A manutenção da qualidade ambiental deve ser praticada não apenas por princípio ético ou obrigação legal, mas por uma necessidade mercadológica (OLIVEIRA, 2002).

Segundo VEZZANI (2008, p.13), a sustentabilidade no turismo deve refletir:

Desenvolvimento de políticas, de estratégias e ações contínuas, que promovam a preservação do meio ambiente, evitando assim a degradação dos recursos naturais, cuja base e qualidade dependem da manutenção e desenvolvimento desse setor. E a conquista da sustentabilidade deve estar atrelada ao envolvimento e à participação de cada segmento, instituição e entidade que constituem a sociedade.

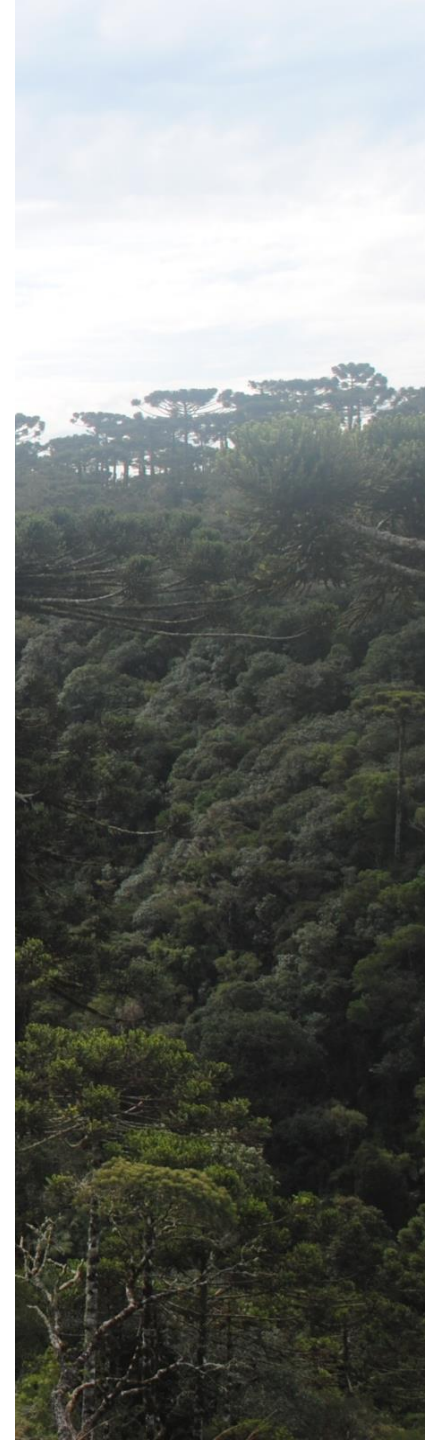


Figura 14 – Vegetação nativa que abriga a Cachoeira da Piscina
Fonte: Autora.

Ainda , segundo Vezzani (2008), o turismo no meio rural contabiliza fatores positivos e negativos. Nos positivos, a atividade interfere no ambiente natural com possibilidade de colaborar na sua preservação e conservação, na proteção e muitas vezes na recuperação de algumas áreas, contribui para a circulação de capital, com o desenvolvimento econômico da região, geração de emprego, renda e apresenta melhorias para a qualidade de vida das comunidades receptoras. Já os fatores negativos decorrem da degradação do uso inadequado do solo, as mudanças de comportamento natural da fauna silvestre, poluição, ocultação e degradação da paisagem e impactos na flora local.

O Ministério do Turismo (2008) indica que adotar práticas de gestão ambiental, além de proteger o meio ambiente e promover a sustentabilidade, colabora para a educação ambiental de visitantes, funcionários e vizinhos da propriedade. Citam-se algumas dessas práticas: coleta seletiva de lixo e sua compostagem, tratamento de efluentes e resíduos, reflorestamento, uso de energia renováveis e conservação de fontes de água.

O turismo no meio rural é um forte instrumento de renda, novas oportunidades de emprego, possibilidade de interação social e valorização da cultura rural (OLIVEIRA, 2011). A autora destaca que o turismo é uma atividade que vem para fortalecer a agricultura familiar, com mais uma opção de renda, ajudando a compensar as perdas e quedas de produção agrícola, ocasionadas pelas intempéries naturais.

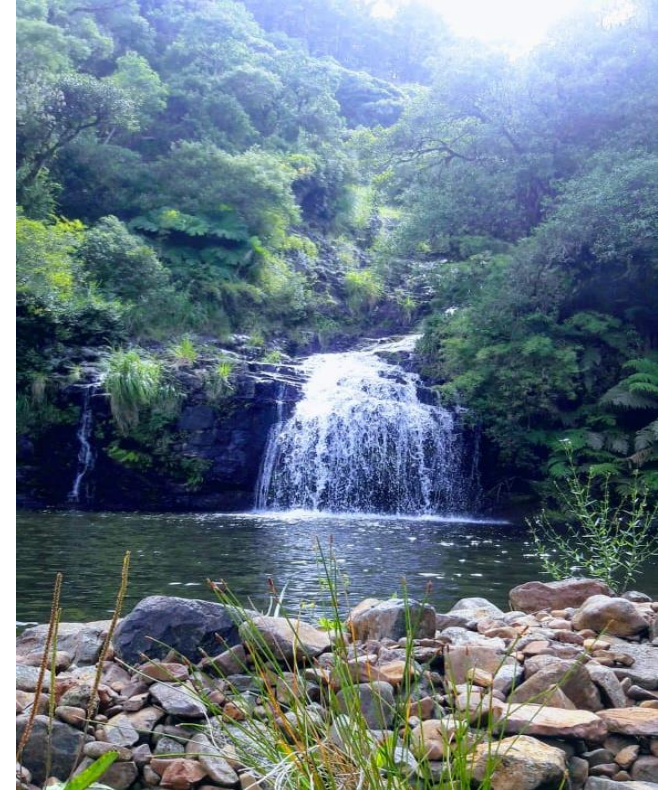


Figura 15: Cachoeira da Piscina (Rio das Antas).
Fonte: Fábio Estevam Machado.

Um exemplo de atividades que se caracterizam como fonte de renda e vem conquistando com o passar do tempo um espaço mais significativo, são os artesanatos produzidos no município de São José dos Ausentes. É uma alternativa de renda que promove a autoestima não apenas pelo financeiro, mas pela oportunidade de ofertar lazer, promover integração, conhecer pessoas de diversos lugares, e acima de tudo proporcionar crescimento pessoal constante.

BACIAS HIDROGRÁFICAS

Uma bacia hidrográfica é formada por um conjunto de aclives, constituídos pela superfície do solo e de um emaranhado drenagem composta de cursos d'água que confluem até chegar ao ponto de menor cota topográfica (exutório) onde é direcionado o escoamento. Sendo uma região natural de captação de água precipitada, que direciona até um ponto comum.

A forma mais comum de delimitação de uma bacia hidrográfica é utilizar de uma carta topográfica e a partir dela determinar o exutório da bacia. A partir do exutório, levando em consideração as cotas da área, é possível realizar a marcação do curso d'água principal e seus tributários e a partir das curvas de nível conectar os pontos mais elevados dando contorno e limites à bacia. As bacias hidrográficas se diferenciam a partir de suas dimensões e, ou das suas características geomorfológicas, as bacias podem ser:

. Bacia Elementar: Tem área relativamente pequena, até 5 Km², e formam a menor região onde possam ocorrer todos os fenômenos hidrológicos

Bacia Representativa : São bacias caracterizadas a partir de aparelhos de registro e observação de fenômenos hidrológicos, situado em região homogêneas. Sua área pode variar de 1 à 250Km².

. Bacia Experimental: São bacias onde ocorre estudos detalhados sobre os fenômenos hidrológicos, situadas em região de cobertura do solo e características físicas relativamente homogêneas. Apresenta área menor que 4 Km².

Para caracterizar uma bacia são necessários espécies diferentes de dados que juntos expressam a forma, contorno e características gerais da bacia, esses dados servem tanto para a sua delimitação quanto para enquadrar a bacia em alguma das categorias vistas anteriormente.

As informações utilizadas para promover a caracterização de uma bacia são denominados dados fluviomorfológicos, que podem ser adquiridos a partir de sensoriamento remoto, imagens de satélites, mapas topográficos e outras fontes de dados geomorfológicos

As informações mais comuns para se caracterizar uma bacia são: área da bacia, comprimento do rio principal, perfil longitudinal, declividades, índices de forma, densidades, tempo de concentração e hierarquização fluvial.





Figura 16: Riachos de águas límpidas cortam o campo.
Fonte: Autora

BACIA RURAL: As bacias localizadas em áreas rurais estão em um ambiente bem diferente do natural, sendo que no ambiente rural existe grande área sem cobertura vegetal e compactação do solo (devido as atividades agropecuárias e incidência direta, sem amortecimento, da precipitação pluviométrica).

Devido a essas características ocorre o aumento na velocidade do escoamento superficial e com isso o arraste de sólidos para os cursos d'água, podendo comprometer a qualidade das águas, além do que, o solo compactado tem menor capacidade de infiltração sendo maior a água direcionada para os canais. Não ocorrendo essa distribuição de água entre as fases do ciclo da água os cursos d'água podem exceder sua capacidade e assim provocar alagamentos e enchentes.

Nas bacias rurais pode ocorrer diversos fenômenos de poluição, contaminação dos rios, como por exemplo: o escoamento de substâncias tóxicas utilizadas na lavoura para os cursos d'água, entrofização provocada pelo acúmulo de nutrientes; erosão das encostas devido a remoção da mata ciliar; assoreamento dos cursos d'água, devido a erosão; além das poluições difusas e pontuais decorrentes das atividades agrícolas.

Na região em estudo, há um divisor de águas entre o Rio Pelotas e o Rio das Antas. Riqueza natural que corta o terreno dispensando maiores ambientais.



PAISAGEM RURAL E NATURAL

Paisagem Natural é o termo utilizado para se referir aquelas paisagens onde não há elementos culturais (tal como cidades) e para se referir aos aspectos naturais de uma paisagem, principalmente ao conjunto das relações de seus componentes (clima, estrutura geológica, relevo, solos, água e seres vivos).

A paisagem natural, no sentido global, pode ser entendida como um conjunto formado pelas relações entre os componentes da natureza, podendo estar mais ou menos modificada pela ação humana. Segundo a Organização das Paisagens Naturais, é reconhecida que as paisagens naturais possuem uma organização hierárquica. Dentro de grandes paisagens, encontramos paisagens menores.

O geógrafo Aziz Nacib Ab'Saber, distinguiu seis principais domínios de natureza em nosso país: as Terras Baixas Florestas da Amazônia (Norte do Brasil), as Depressões Intermontanas das Caatingas (Nordeste), os Chapadões com Cerrado (Brasil central), o Planalto das Araucárias (Sul), os Mares de Morros Florestados (no leste do Brasil) e as Coxilhas Subtropicais com Pradarias Mistas (extremo sul do país).

A paisagem na ciência geográfica é definida como um conjunto de estruturas naturais e sociais de um determinado lugar no qual desenvolvem uma intensa interatividade, seja entre os elementos naturais, entre as relações humanas e dessas com a natureza.

Geograficamente a paisagem é tudo o que podemos perceber por meio de nossos sentidos, mas o que mais destaca é a visualização da paisagem.

Paisagens também abrange as construções humanas como: pontes, ruas, edifícios, além das relações humanas como feiras, estádios de futebol, assim ocorre uma variação de paisagens, pois trata-se de uma composição momentânea. Então, quando uma paisagem possui elementos humanos conceituamos como paisagem humanizada. Quando não há intervenção humana, chamamos de paisagem não humanizada.

Diante desse contexto, a paisagem se divide em: Paisagens naturais (lagos, oceanos, vales, florestas, montanhas, seres vivos) e as interações existentes. A variação de cada elemento determina a configuração de cada paisagem. Ex.: Clima quente e úmido produz floresta com grande quantidade de vida.



Figura 18: -Vista do jardim da Secretaria de Turismo de SJA, em tempestade de granizo.
Fonte: Autora

As paisagens culturais correspondem a todos os elementos construídos pela ação antrópica, como pontes, portos, ferrovias, túneis e muitos outros.

As Paisagens Culturais podem ser divididas em paisagem rural e paisagem urbana. A primeira é formada pela atividade agropecuária, com lavouras de uma infinidade de culturas, hortaliças, frutas, além da criação de bovinos, aves e suínos, elementos que fazem parte da realidade de propriedades rurais e fazendas. A segunda constituída de elementos urbanos como: ruas, avenidas, praças, viadutos e prédios que se encontram habitados por pessoas que realizam suas atividades nesse espaço.

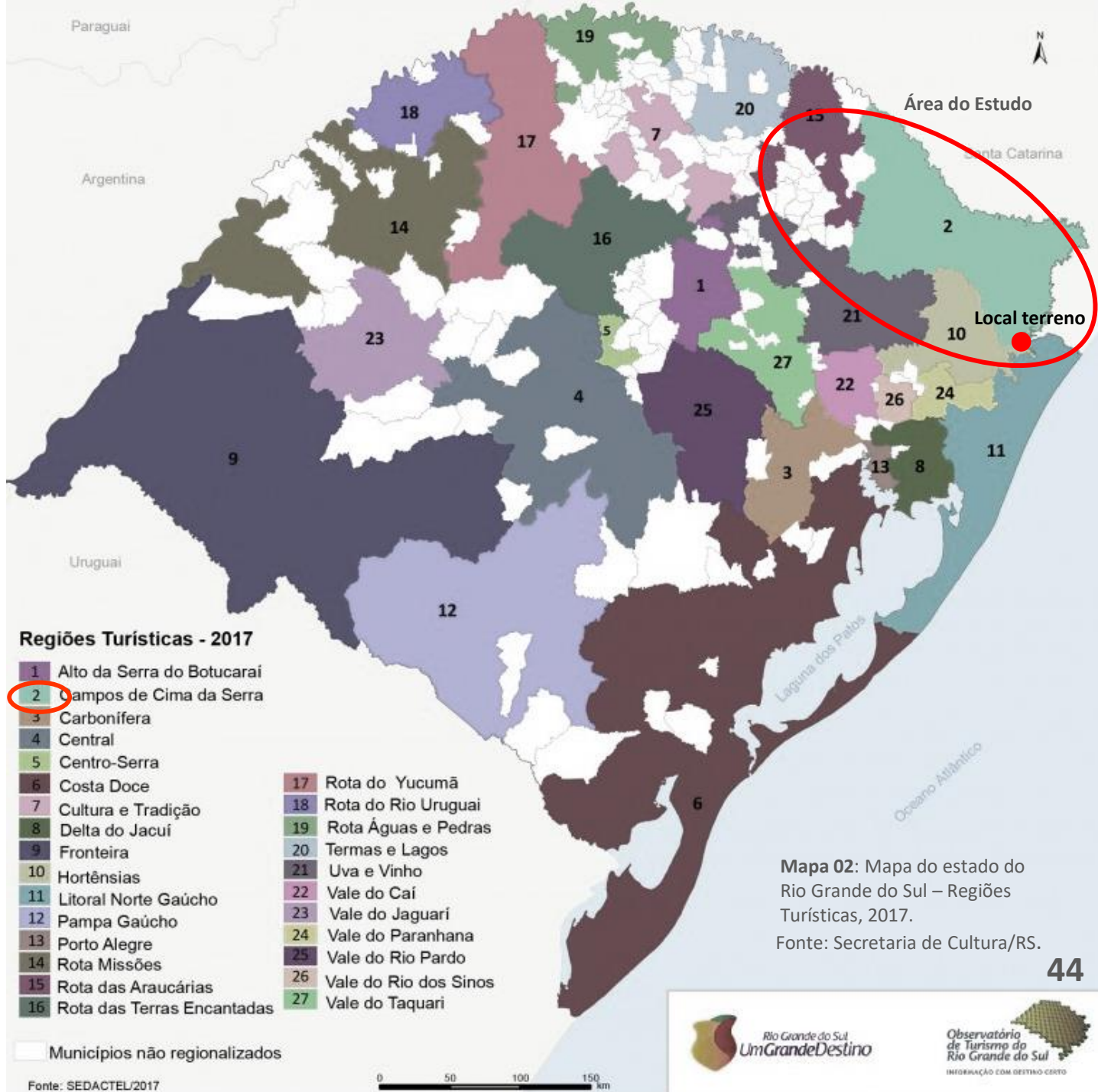
METODOLOGIA E ANÁLISE DO RECORTE



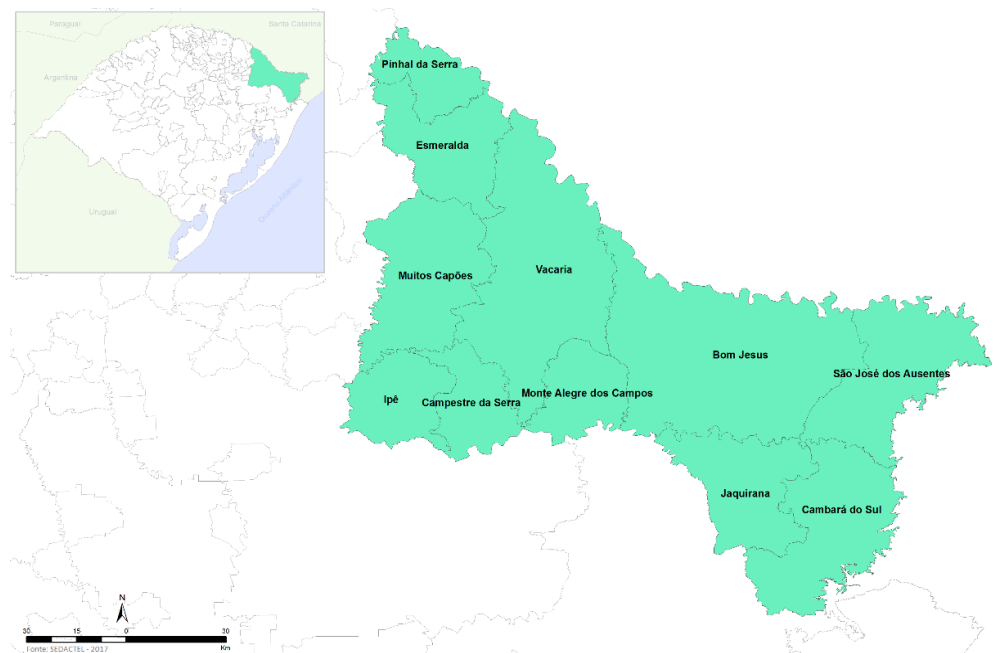
Figura 19: A serração é fenômeno quase diário.
Fonte: Autora

O Rio Grande do Sul possui uma extensão territorial de 268.781,896 km², ocupando pouco mais de 3% do território brasileiro. Está dividido em 496 municípios. A quantidade de pessoas residentes é de aproximadamente 10,7 milhões de habitantes, correspondendo a 6% da população nacional. A densidade demográfica é de 39,8 hab./km².

O estado é atrativo no turismo de lazer e também no turismo de negócios e eventos. Na Serra Gaúcha, onde o inverno é rigoroso, se destacam cidades como Gramado e Canela. Os municípios de São Borja, conhecida sete povos das missões) preservam construções das povoações jesuítas ocorridas no século XVII, consideradas patrimônio da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), cenários e elementos que atraem vários turistas para a região.



ESCALA REGIONAL



Mapa 03 : Campos de Cima da Serra – Municípios pertencentes, RS.
Fonte: Jussara Alves P. Sommer

Na parte mais alta do Rio Grande do Sul estão os Campos de Cima da Serra, uma rota formada por 11 municípios: Bom Jesus, Cambará do Sul, Campestre da Serra, Esmeralda, Ipê, Jaquirana, lagoa Vermelha, monte Alegre dos Campos, muitos Capões, Pinhal da Serra, São Francisco de Paula, Vacaria, São José dos Ausentes. Sua área total é de 21.033 Km², ela localiza-se a altitudes entre 900 metros, a oeste, e 1.200 metros nos Aparados da Serra. É composto de relevo suave profundamente recortado por alguns rios e formada por uma planície elevada de solo basáltico e inclinação oeste. Predomina a vegetação campo, havendo presença esparsa de capões e araucárias. Atrativos naturais não faltam neste destino do nordeste gaúcho. A leste estão os cânions dos Aparados da Serra e ao norte, a bela serra catarinense, outro forte destino brasileiro. Junto com as regiões vizinhas, como a das Hortênsias e a da Uva e Vinho, os Campos de Cima da Serra formam um dos mais belos destinos turísticos da serra gaúcha.

Arquitetura Regional

Defendido por teóricos como Kenneth Frampton, o conceito atenta para o papel do local ou regional na produção arquitetônica.

As tipologias regionais é conhecida pelas próprias características das comunidades e do seu modo de habitar, dessa forma, reflete os diversos condicionamento com que se confronta (geográficos, econômicos, sociais e culturais).

Tem se como exemplo as casas de madeira, típica dos países nórdicos onde as grandes áreas de florestas, sugerem o material, material esse usado a milhares de anos e que permite a proteção ao calor de verão e isolar o frio no inverno.

Assim, propõe um modo de fazer arquitetura que sob vários aspectos se apropria ou valoriza os aspectos positivos da arquitetura vernacular.



Figura 20 : Arquitetura da região. Avenida Principal em Cambará do Sul.
Fonte: Autora.



Figura 21 : Casa de esquina . Cidade de Cambará do Sul .
Fonte: Autora.

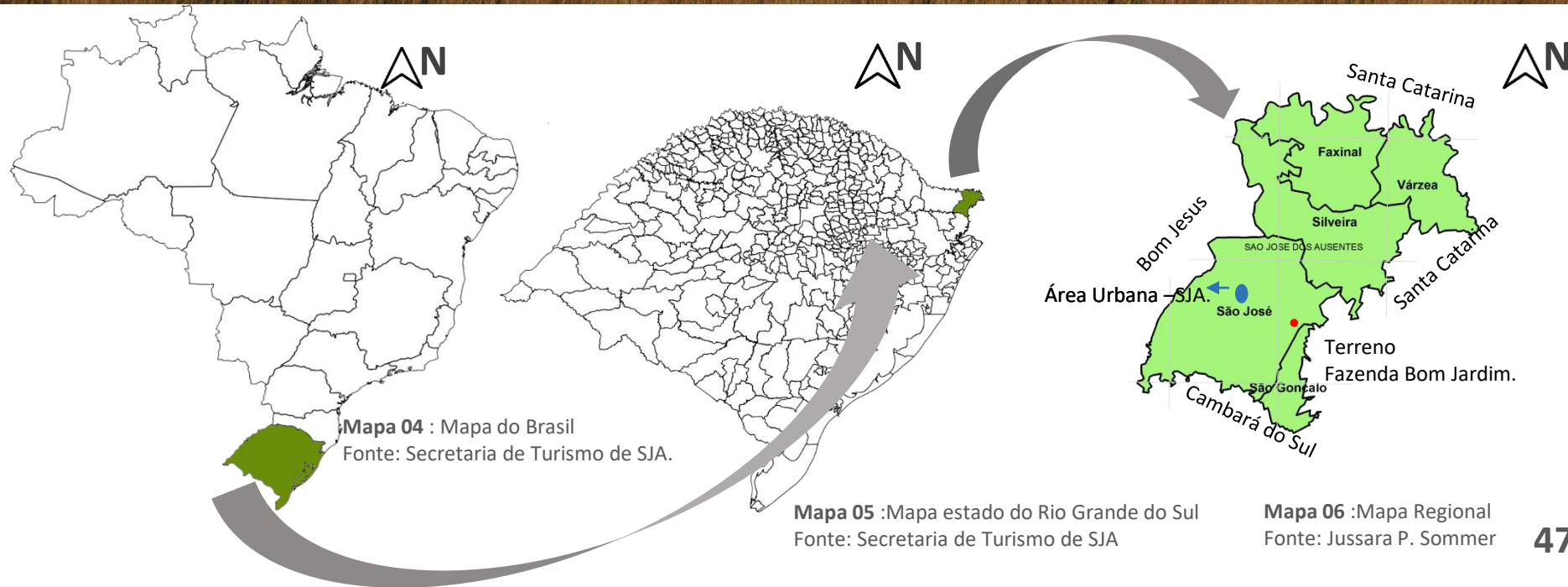


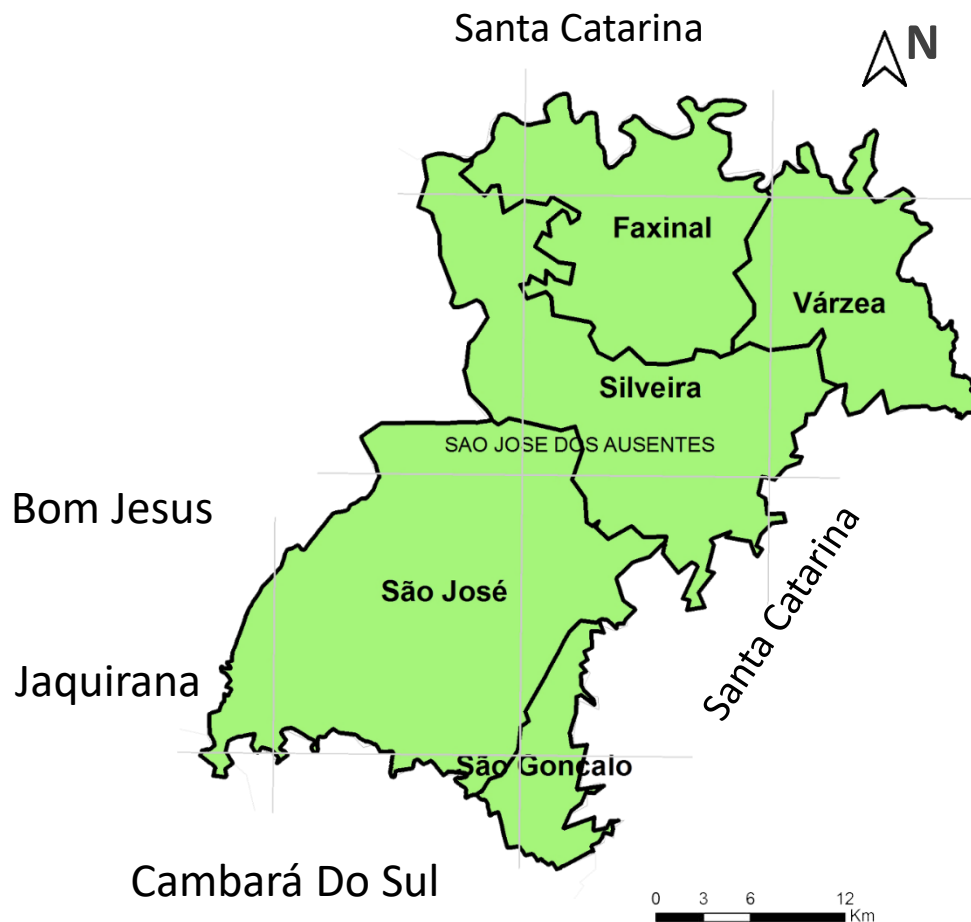
Figura 22: A casa em madeira é um traço da colonização italiana do município de São José dos Ausentes.
Fonte: Secretaria de Cultura de SJA.

Figura 23 : Vista da cidade de São José dos Ausentes.

Fonte: Autora

ESCALA MUNICIPAL: ESQUEMA DE LOCALIZAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES





Mapa 07 : São José Dos Ausentes, subdistritos Campos de Cima da Serra, RS.
Fonte: Jussara Alves P. Sommer

O município de São José dos Ausentes é conhecido pela hospitalidade, pelo turismo rural, e, sobretudo, pela beleza de suas paisagens, especialmente dos cânions e cachoeiras. O ponto mais alto dos gaúchos fica em solo ausentino. O Cânion Pico do Monte Negro, distante 45 km do centro, possui 1.403 metros. O conjunto de paredões, que abraça o município de São José dos Ausentes, é o marco divisor dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Paisagens que se tornaram conhecidas no mundo todo após terem servido de cenários cinematográficos. Segundo a Lei Municipal 811 de 12 de março de 2019, consta nos artigos 10 e 11, o fortalecimento do segmento turístico, bem como a pluriatividade no campo com ênfase na agroecologia e turismo. O incentivo à idealização e gestão dos serviços e empreendimentos turísticos; a produção de inventário turístico municipal. Esse apoio de promoção e qualificação dos trabalhadores do campo envolvidos no turismo, fortalece as atividades complementares e integra a sociedade à natureza.

Figura 24: Vista aérea da cidade de São José dos Ausentes.
Fonte: Secretaria de Turismo de São José dos Ausentes.



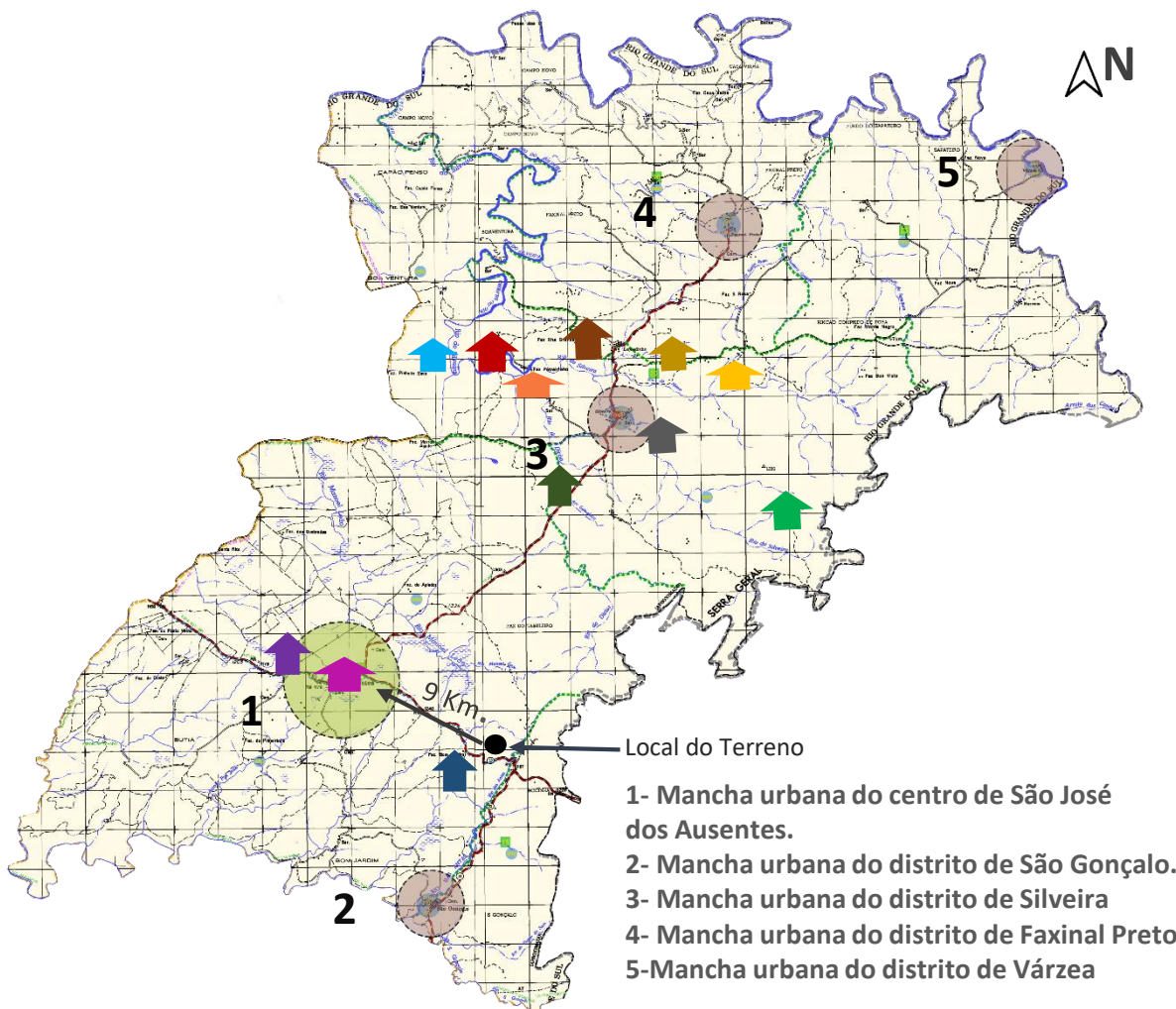
SÃO JOSÉ DOS AUSENTES está localizada no extremo nordeste do Rio Grande do Sul, a uma latitude 28º 44'54" ao sul e a uma longitude 50º03'57" oeste, estando a uma altitude de 1.200 metros sobre o nível do mar. A distância até a capital ,Porto Alegre, é de 220Km. Possui uma área de 1.173,94 km². Sua população era, segundo o censo de 2010 de 3.290 habitantes, sendo: 1.228 da área Rural e 2.062 na área urbana ,com densidade de 2,98 hab./km².

Sua latitude de 28º e altitude de 1.200 metros acima do nível do mar, fazem com que o município seja um dos mais frios do país, de paisagens cênicas atraindo turistas e cineógrafos, fomentando a atividade turística. Foi distrito criado com a denominação de Ausentes (ex-povoado) pela Lei Municipal n.º 9, de 05-06-1948, subordinado ao município de Aparados da Serra, atual Bom Jesus, e elevado à categoria de município pela Lei Estadual nº 9.559, de 20-03-1992.

Descendentes de portugueses, italianos, árabes e alemães. A trajetória econômica tem origem nos tropeiros, nas fazendas pecuárias. O município gira em torno também da indústria madeireira, agricultura e do turismo rural, atividade desenvolvida na família, a qual me levou à estudos desse tema.

A cultura do município tem estreita relação com o tropeirismo, por ser rota e ter impulsionado a economia das localidades ausentinas. Cultuam as Tradições Gaúchas: através da Gastronomia, Semana Farroupilha, Rodeios Crioulos, Danças, Músicas, Gineteadas, entre outros... Possui um Museu, Coral Municipal. Iniciando Esporte de Aventuras, Torneios e Festas Religiosas.

MANCHA URBANA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES:



A cidade é conhecida por seu inverno rigoroso para os padrões brasileiros, que tem temperaturas abaixo de zero. O município tem geada constante e neve quase todos os anos (normalmente muito fraca e em poucos dias da estação).

Desenhada pelos Campos de Cima da Serra e cânions dos Aparados da Serra, São José dos Ausentes tem belos cenários como o Pico do Monte Negro, o ponto mais alto do estado do Rio Grande do Sul, com 1 403 metros, o Cachoeirão dos Rodrigues e os Mangueirões de Pedra.

Clima

O município, juntamente com São Joaquim e Urupema (ambos no estado de vizinho de Santa Catarina), é considerado um dos mais frios do país. Sua precipitação é constante ao longo do ano e seu verão é fresco ou morno e o inverno é relativamente frio. Segundo a classificação climática de Köppen-Geiger, o clima é Cfb, do tipo temperado oceânico. Mesmo no verão, podem ocorrer temperaturas mais baixas, sendo aconselhável levar algum agasalho, se visitar a cidade. A temperatura média anual de São José dos Ausentes é de cerca de 14 °C.

HOSPEDAGENS PRÉ-EXISTENTES:



Figura 25 : Fazenda Monte Negro.
Fonte: Autora.



Figura 26: Pousada Eco dos Canyons.
Fonte: Autora.



Figura 27: Pousada Altos da Serra.
Fonte: Autora



Figura 28: Pousada Caminhos da Neve
Fonte: Autora



Figura 29: Fazenda Potreirinhos
Fonte: Autoora



Figura 30: Aparados da Serra.
Fonte: Autora



Figura 31: Pousada Flores dos Campos
Fonte: Autora.

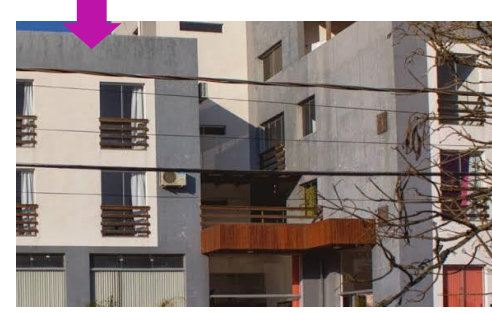


Figura 32: Morada das Glicínias
Fonte: Autora



Figura 33 : Pousada Toca da Onça
Fonte: Autora



Figura 34: Pousada Cachoeirão dos Rodrigues.
Fonte: Autora



Figura 35: Casa Chalé
Fonte: Autora



Figura 36: Pousada Vale das Trutas
Fonte: Autora

O MUNICÍPIO:

LOCALIZAÇÃO DO TERRENO:



Atualmente, um dos caráter das áreas rurais é a sua multifuncionalidades, funções como a conservação do patrimônio e proteção da paisagem natural, lazer e do turismo sustentável.



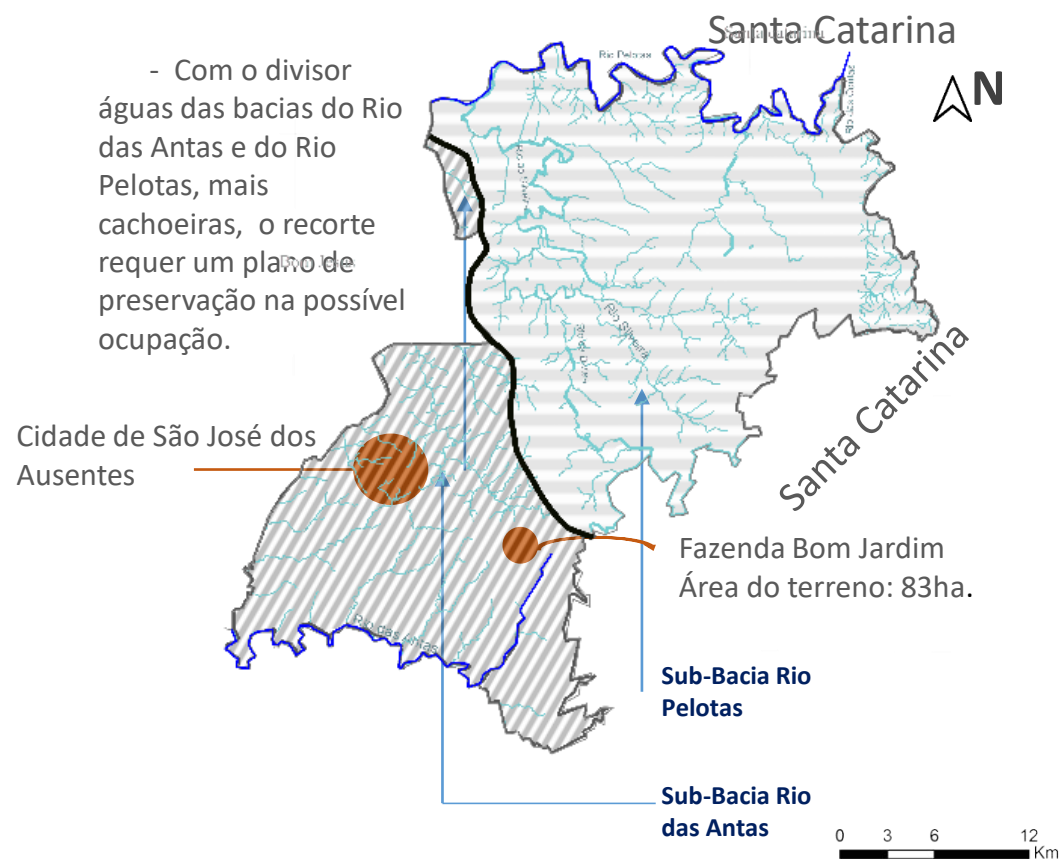
Figura 37 : Córrego com pequenas quedas segue na paisagem do terreno.

Fonte: Autora

O município é considerado um postal dos Campos de Cima da Serra, abrigando as mais altas nascentes de águas claras do Estado.

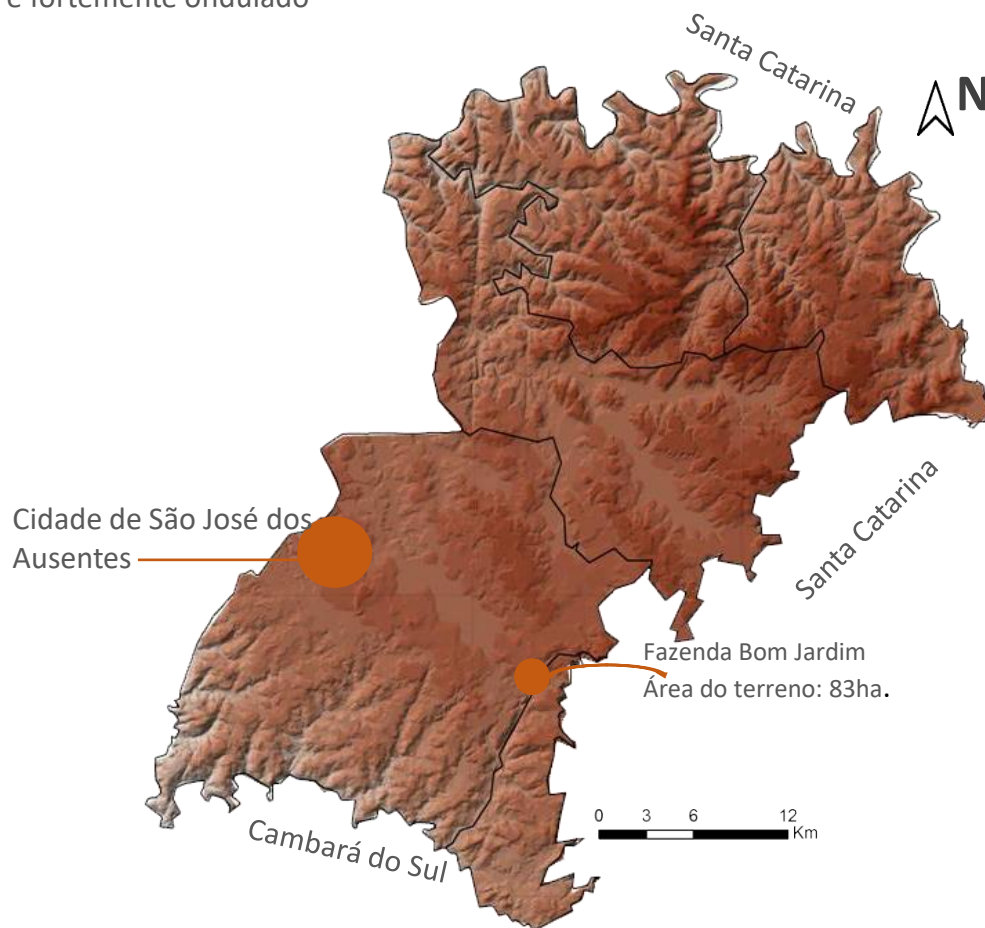
O rio das Antas é um rio que banha o estado do Rio Grande do Sul. Tem suas nascentes no município de São José dos Ausentes, no extremo leste do Planalto, nos Campos Gerais.

O Rio Uruguai é um rio sul-americano que nasce na Serra Geral e que forma-se pela junção dos rios Canoas e Pelotas, na divisa entre os estados do RS e SC. A nascente mãe do rio é o Rio Pelotas, que nasce a cerca de 65 km a oeste da costa do Atlântico

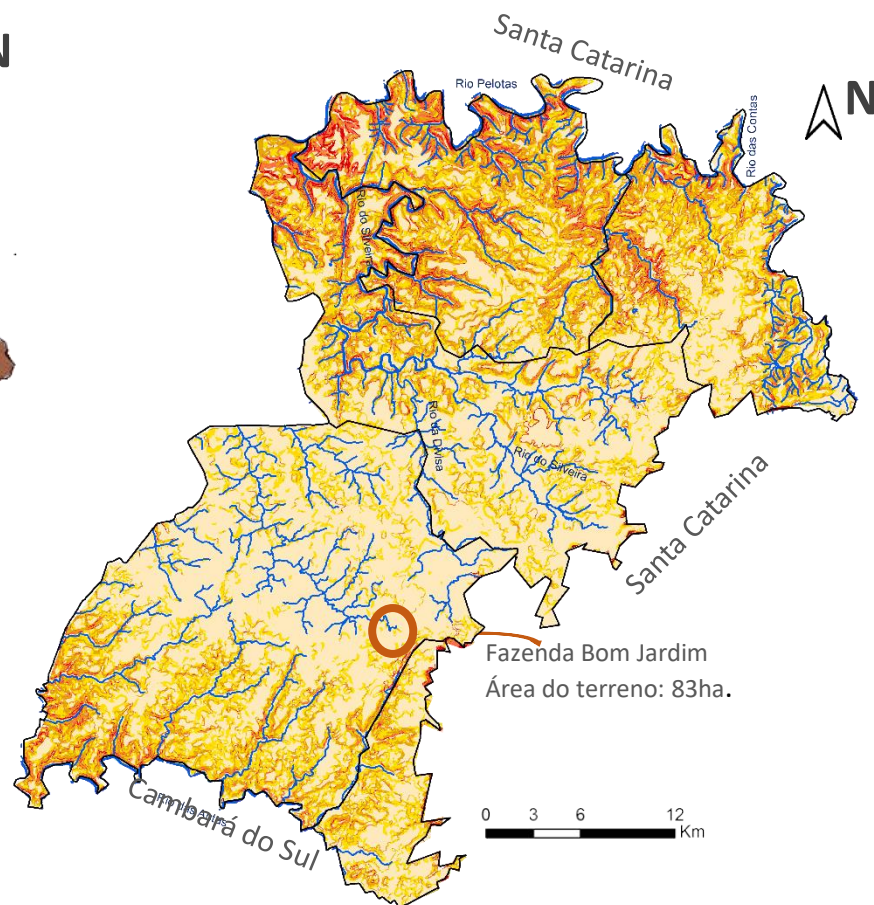


Mapa 09: No mapa Hidrográfico de solo de SJA, destaque os dois principais rios que banham o município - Rio Pelotas e Rio das Antas.
Fonte: Jussara A. Pinheiro Sommer, alterado.

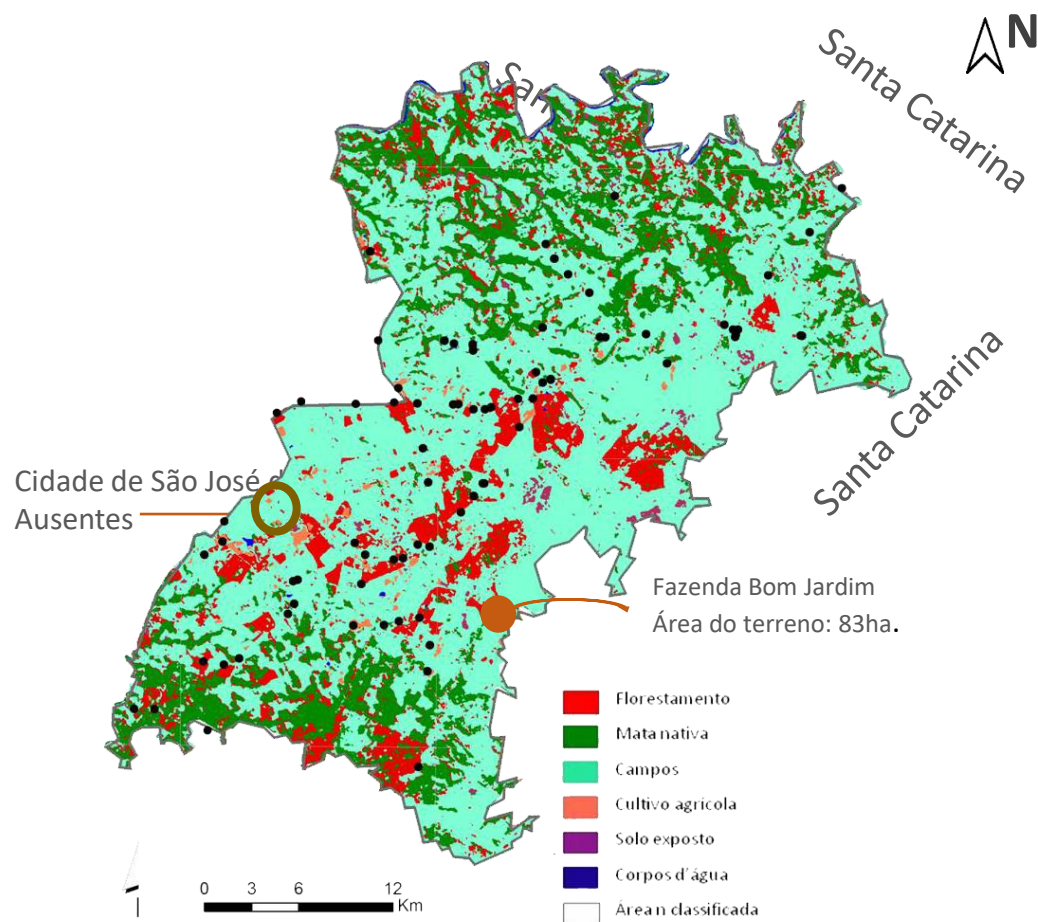
O tipo de relevo, ondulado à forte ondulado associado às características do solo, são relevantes para as atividades agrícolas, principalmente às lavouras temporárias. Condições que explica a localização e expansão no cultivo de pinus. As declividades, entre 6 e 20%, que define um relevo ondulado encontra-se na porção sul e norte do município. Nas áreas próximas aos vales dos Rios das Contas e Pelotas ao norte e das Antas ao sul, as declividade atingem entre 20 a 45 % definindo um relevo ondulado e fortemente ondulado



SÃO JOSÉ DOS AUSENTES é um município peculiar por ser ricos em paisagens naturais como os cânions e o Pico do Monte Negro, ponto de maior altitude do Rio Grande do Sul, quedas d'água como o Cachoeirão dos Rodrigues.



Os usos e coberturas do solo de São José dos Ausentes, representados abaixo no mapa, pode-se observar que predomina os campos com maior parte do solo, a mata nativa é evidenciada nos limites, com maior concentração ao sul e ao norte. Observam-se também plantação de pinos nas manchas em vermelho.



Mapa 12: Mapa de Uso e Cobertura do Solo de São José Dos Ausentes, RS.

Fonte: Jussara A. Pinheiro Sommer



Figura 38 : Vegetação mista.
Fonte: Autora

PRINCIPAIS ATRATIVOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES:

Leis Ambientais

Constituição
Federal
18 de Julho
de 1998

Lei Nº 11.428
de 22 de
dezembro de
2006

Lei Nº 6.660
de 21 de
novembro de
2008

Lei Nº 14.675
de 13 de abril
de 2009



Figura 39 : Nevesca sob as Aralcáreas.
Fonte: Autora

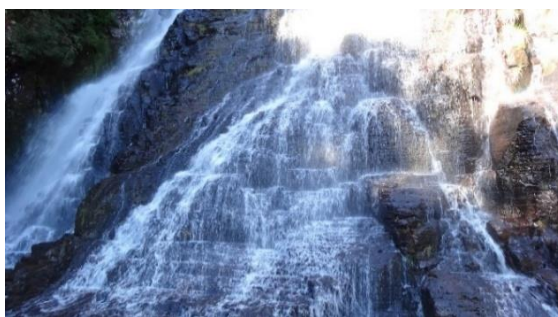


Figura 40 : Cachoeira do “ Seu Juvenal”
Fonte: Autora



Figura 41 : Mirante da Serra da Rocinha
Fonte: Autora

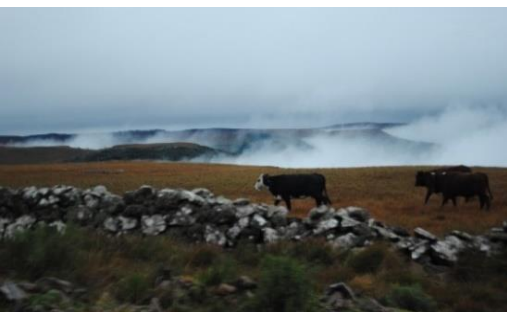


Figura 42 : Paisagem peculiar do campo.
Fonte: Autora



Figura 43 : Desnível dos rios
Fonte: Tripadvisor.com.br



Figura 44 : Cânion Monte Negro
Fonte: Tripadvisor.com.br



Figura 45 : Cachoeirão dos Rodrigues.
Fonte: tripadvisor.com.br

A CIDADE EM RELAÇÃO AO PROJETO

O Projeto propõe uma interação e transformação da cidade. Equipamento de apoio socioeconômico permanente, atraindo principalmente os turistas da região, e dos estados: Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, como países do Mercosul (Mercado Comum do Sul).



Figura 46: Pórtico turístico do município
Fonte: Autora



Figura 47: Na praça da matriz.
Fonte: Autora

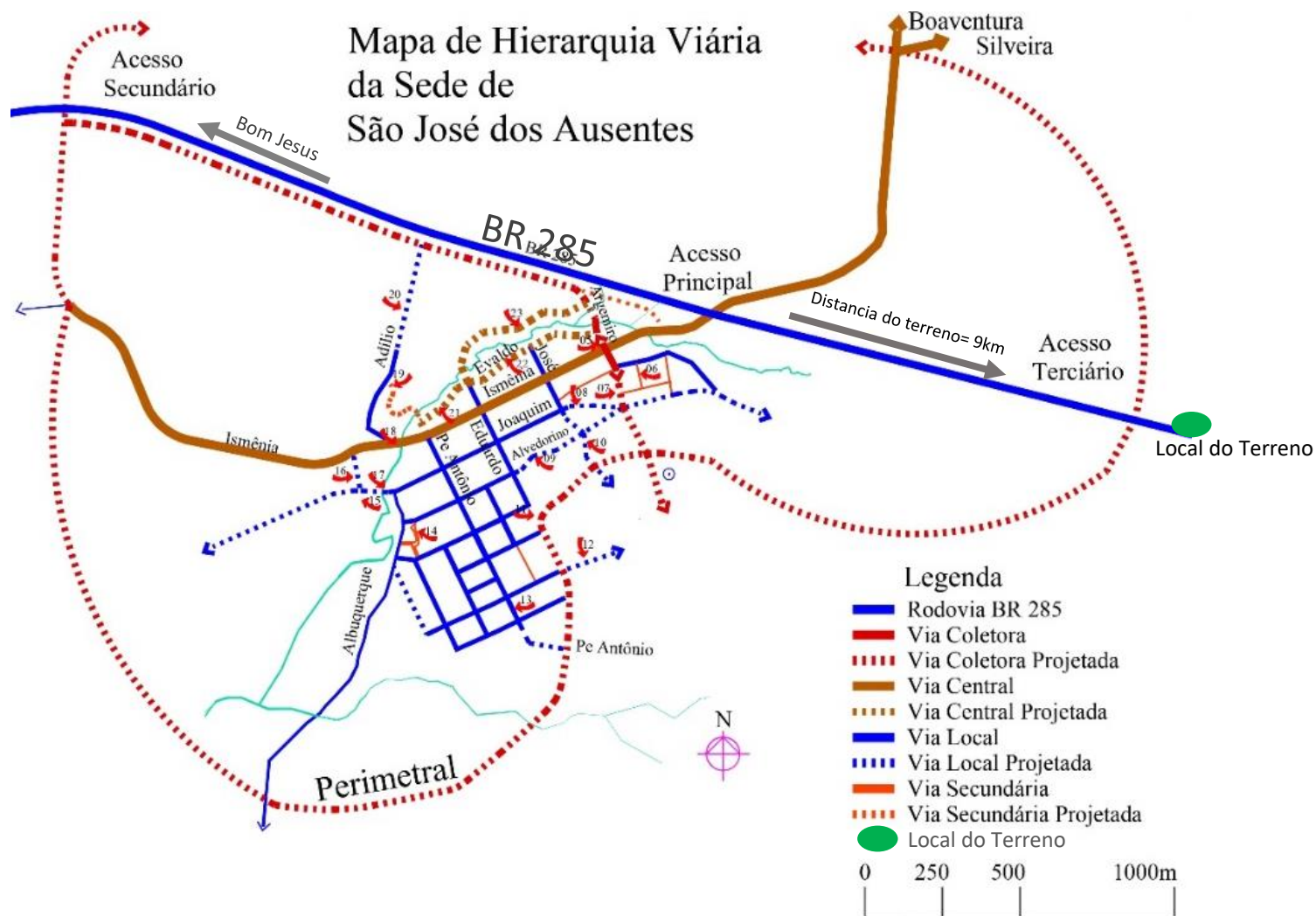


Figura 48: A cultura dos Ausentinos.
Fonte: Autora

Figura 49: Vista aérea da cidade de São José dos Ausentes
Fonte: Autora.



PROJETO: VIAS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES



Mapa 13: Hierarquia Viária de São José dos Ausentes - Plano Diretor em alteração.
Fonte: Arquiteto e Urbanista Paulo Rovaris

PROJETO: ZONEAMENTO

Segundo entrevista com o Arquiteto e Urbanista (Paulo Rovaris) o qual assina o Projeto Urbano de S.J.A, “A nova proposta de Zoneamento Urbano e Hierarquia Viária de São José dos Ausentes, partem do reconhecimento da complexidade do sítio urbano, cercado de matas de araucária, córregos, banhados e áreas de declividade acentuada. Depois desse reconhecimento foram definidas áreas para onde a cidade deve expandir. Com isso propõe-se um conjunto de vias estruturais que vão induzir o crescimento buscando a continuidade, a permeabilidade e a relação entre as diversas áreas urbanas”.

Mapa 14: Zoneamento - São José dos Ausentes-nova proposta do Plano Diretor
Fonte: Arquiteto e Urbanista Paulo Rovaris

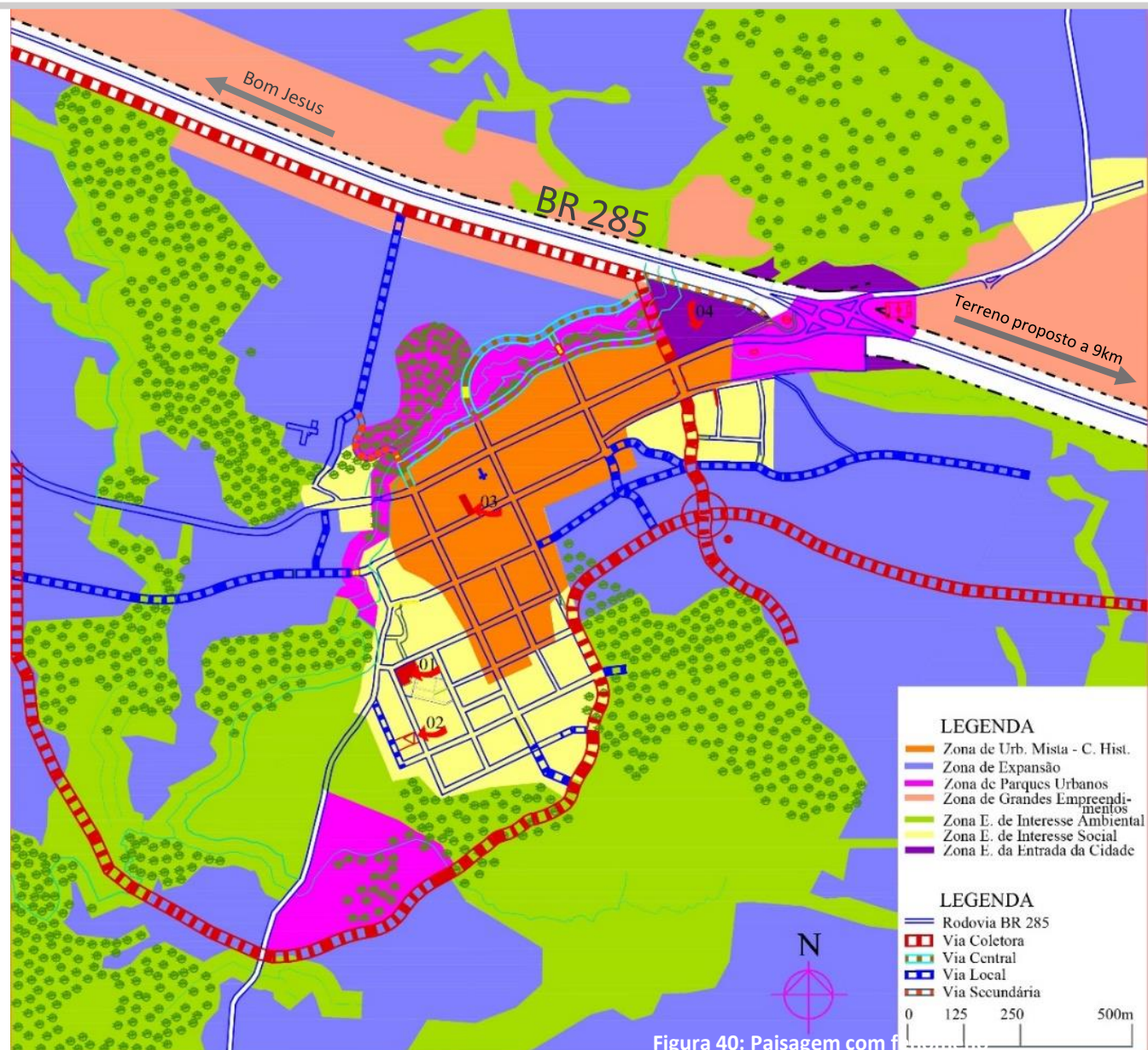


Figura 50: Maquete física do terreno com as condicionantes naturais.

Fonte: Autora





O recorte apresentado se localiza na Fazenda Bom Jardim, área rural, a 9 km do centro de São José dos Ausentes. A área, de propriedade de Fabio Estevam Machado, possui 83 hectares entre campo e mata nativa, floresta Ombrófila mista com Araucárias, destaca-se na paisagem local, por atingir até 40 metros de altura. Com apenas duas alterações na cobertura do solo, o açude artificial e o traçado da BR 285 que passará dentro do terreno, a paisagem integra bosques, florestas, riachos, pequenas quedas, cachoeiras, olhos d' água e afloramentos rochosos.

Como mostra os mapas a seguir, os solos apresentam áreas do relevo suavemente ondulado, fortemente ondulado e abruptamente recortado no vale profundo, com o rio das Antas, projeto de uma ponte nesse local para a rodovia. Na topografia aponta variação altimétrica do relevo, com altitude máxima de 1.200 metros acima do nível do mar., com relação à pecuária, possui 80 bovinos(verão) e 35 bovinos (inverno) no campo. A Fazenda possui uma residência unifamiliar para os finais de semana de 144 m², ao lado da taipa de 15X30 metros.

Figura 51: Vista do terreno.
Fonte: Autora

ESCALA LOCAL:

01



Figura 52: Local sob uma altitude de 1.198m, vista Cachoeira da Valéria .
Fonte: Autora.



02

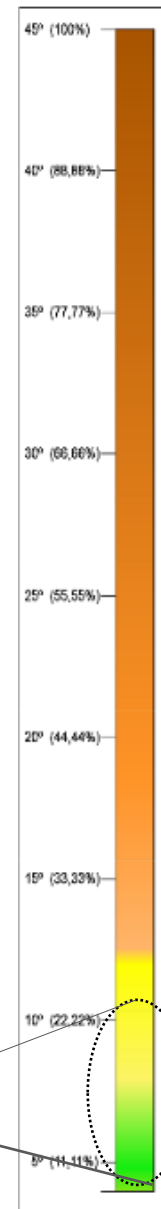
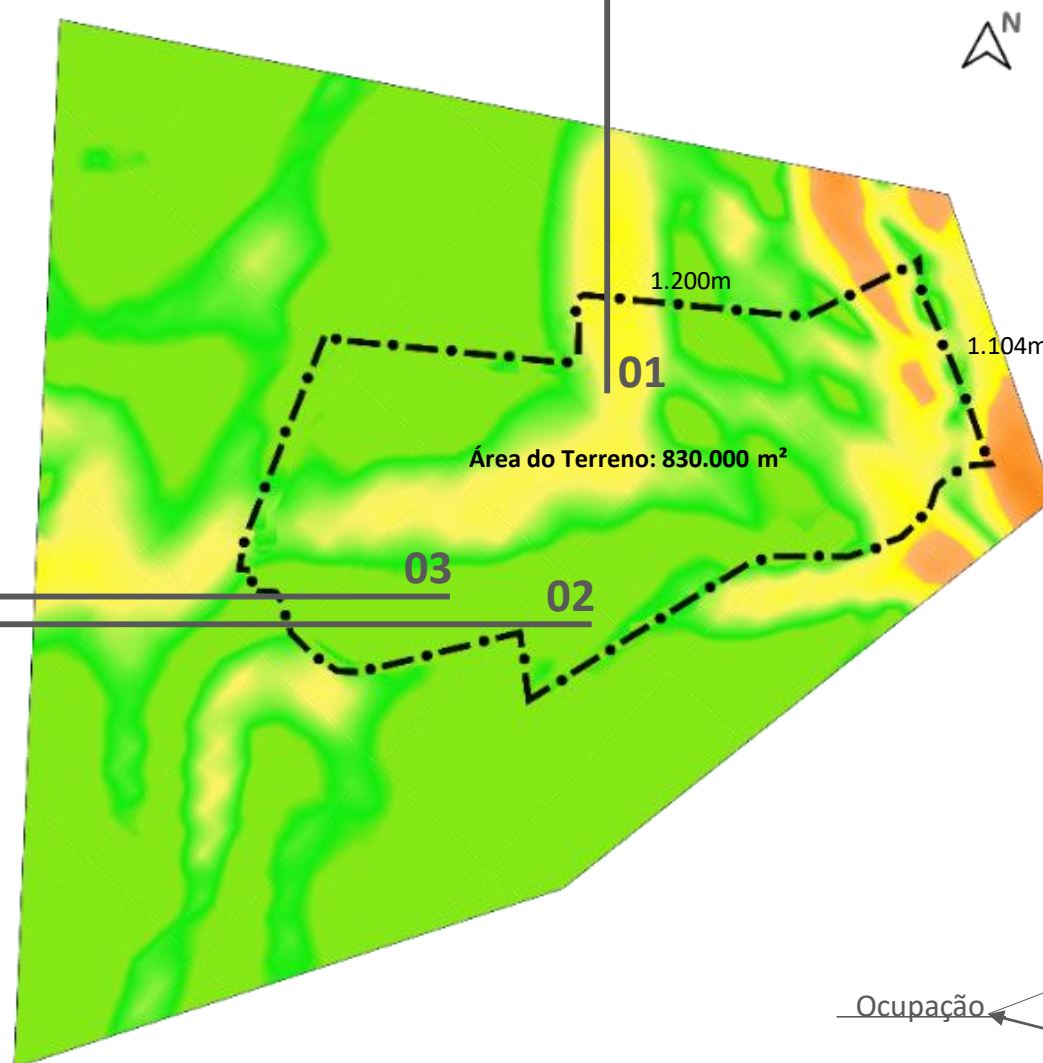
Figura 54: Acima vista belvedere 1.149 m.
Fonte: Autora.



03

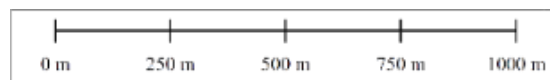
Figura 53: Altitude 1.165 metros.
Fonte: Autora visão área edificada.

A legislação de parcelamento de solo estabelece que a ocupação deve ocorrer até o limite de 30% de declividade. O novo Código Florestal 6766/79, reduz essa hipótese com altura mínima de 100 metros e inclinação média maior que 25 graus.



Ocupação

Mapa 15: Mapa de Isodeclividade do terreno, SJA – RS.
Fonte: Global Mapper

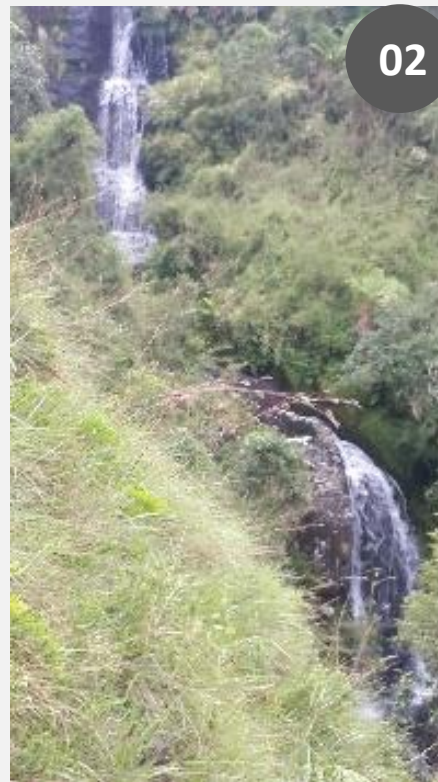




01

Figura 55 : Riacho pequenas quedas que corre sobre o campo.

Fonte: Autora



02

Figura 56: Cachoeira do Pinheiro Grande.

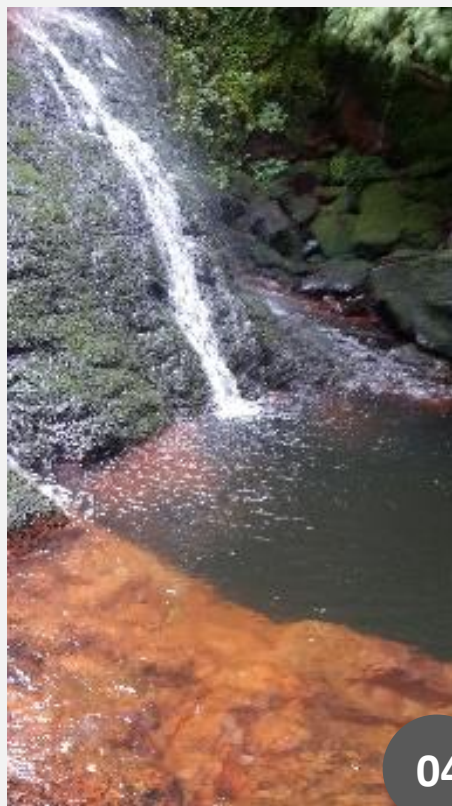
Fonte: Autora



03

Figura 57 : Cachoeira da Valéria.

Fonte: Autora



04

Figura 58 : Cachoeira Oculta

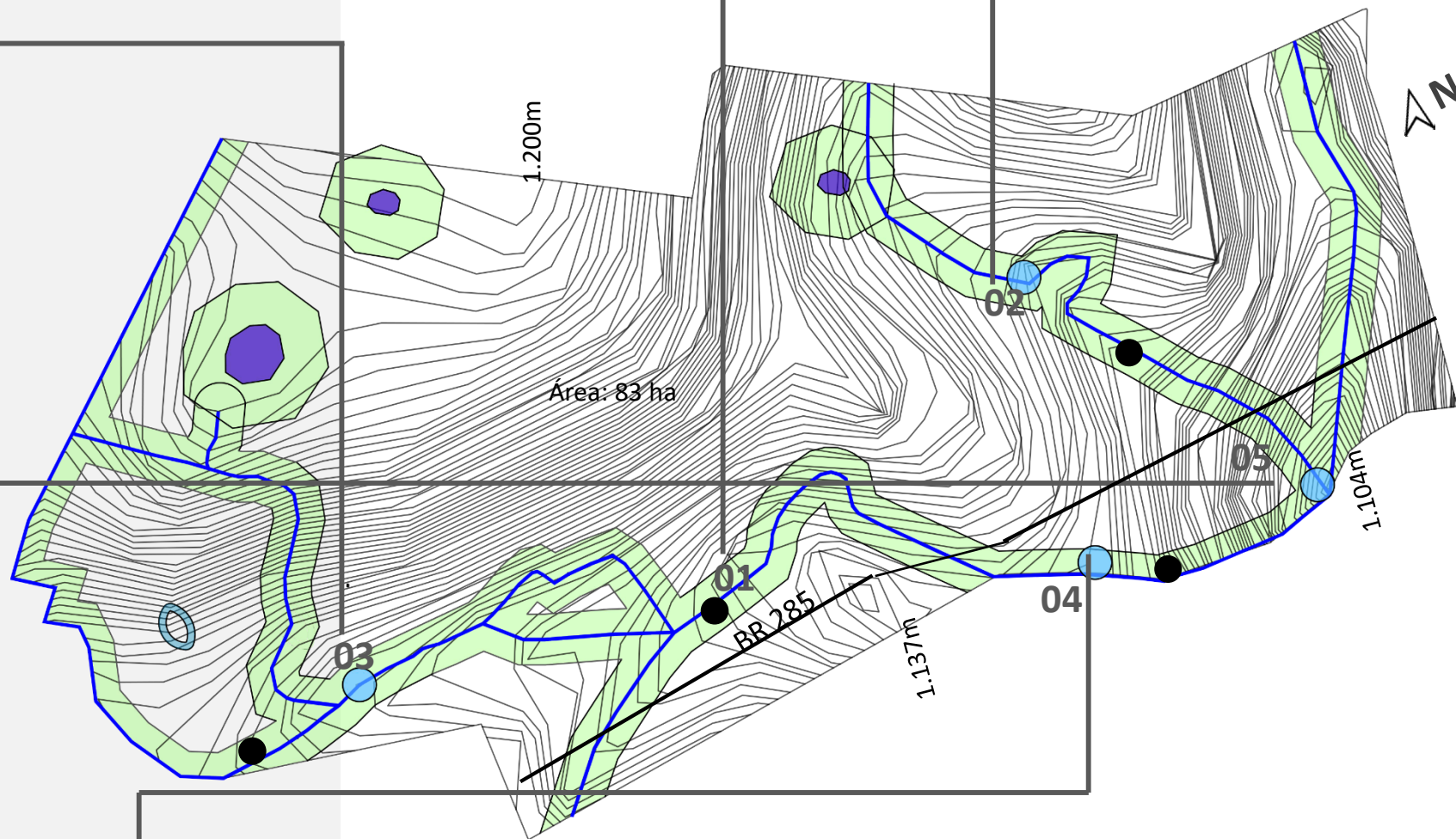
Fonte: Autora










05

Figura 59 : Cachoeira da Piscina

Fonte: Autora



- | | |
|--|---|
|  APP; |  Açude artificial; |
|  Riacho; |  Pequenas quedas d'água; |
|  Cachoeiras; |  Curvas de nível. |
|  Olho d'água; | |

Mapa 16: Mapa topográfico e hidrográfico do recorte.
Fonte: Autora



01



Figura 60 : Vista de um belvedere marcado por araucárias.
Fonte: Autora

02



Figura 61 : Cachoeiras cortam o terreno.
Fonte: Autora

03

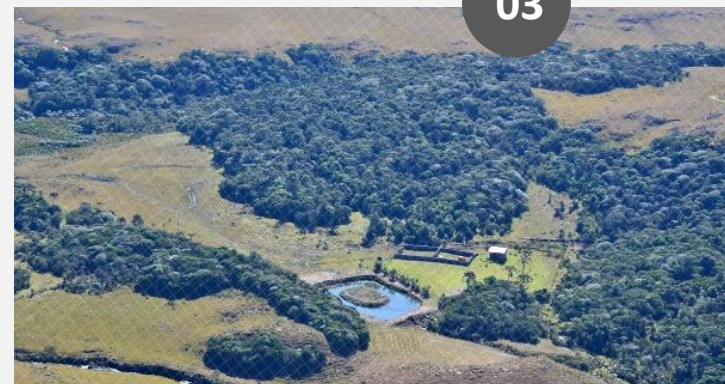


Figura 62 : Imagem aérea do terreno, área edificada envolta pela mata nativa.
Fonte: Fábio Estevam Machado

05

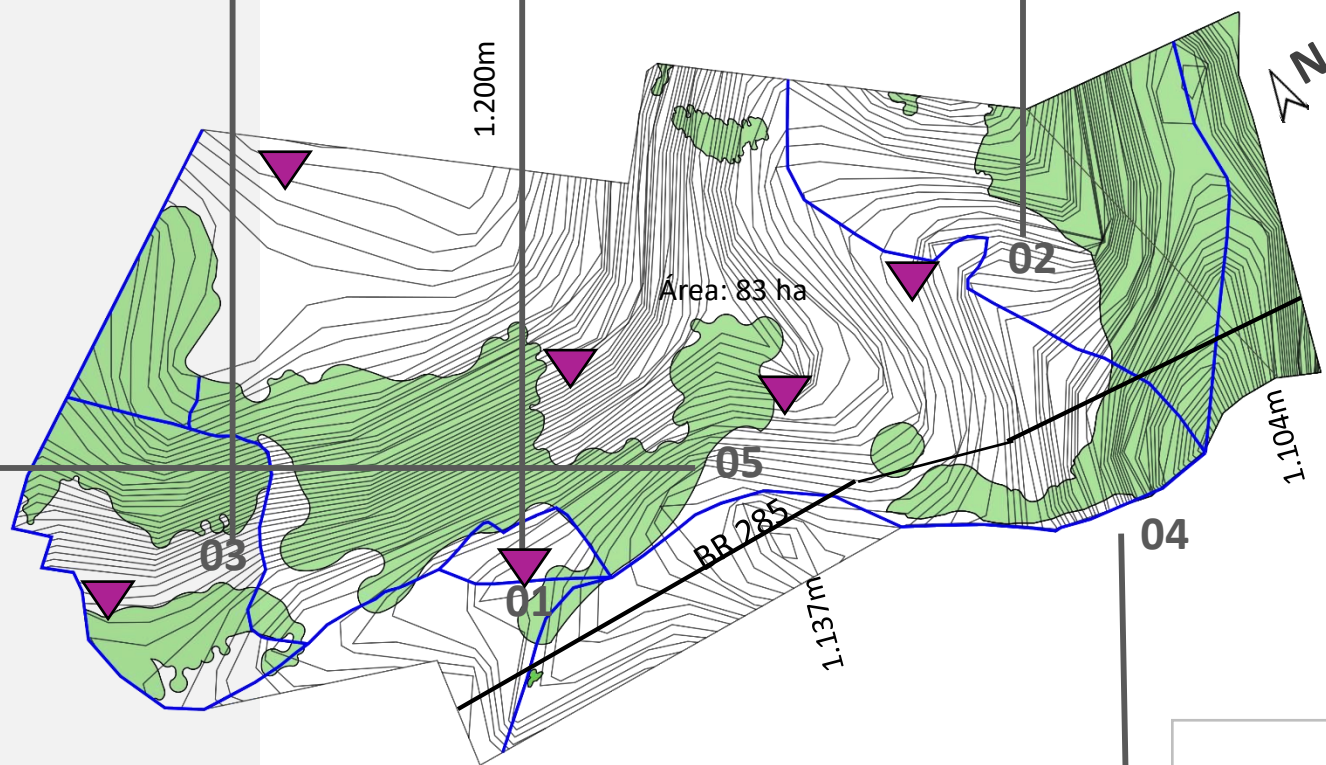


Figura 64 : Vista formação vegetal original.
Fonte: Autora

04



Figura 63: Riacho pequenas quedas que corre sobre o campo.
Fonte: Autora



No uso e cobertura do solo, a formação vegetal original é a Floresta Ombrófila Mista com Araucária.

O destaque nesse mapa também fica por conta dos belvederes, que ocupam preferencialmente, os topos das áreas elevadas.

Mapa 17: Mapa da cobertura vegetal do recorte
Fonte: Autora



- Cobertura vegetal;
- Campos;
- Curvas de nível;
- Riacho.
- ▶ Indicação de belvederes.

Figura 65: Paisagem típica nas fazendas da serra.
Fonte: Autora

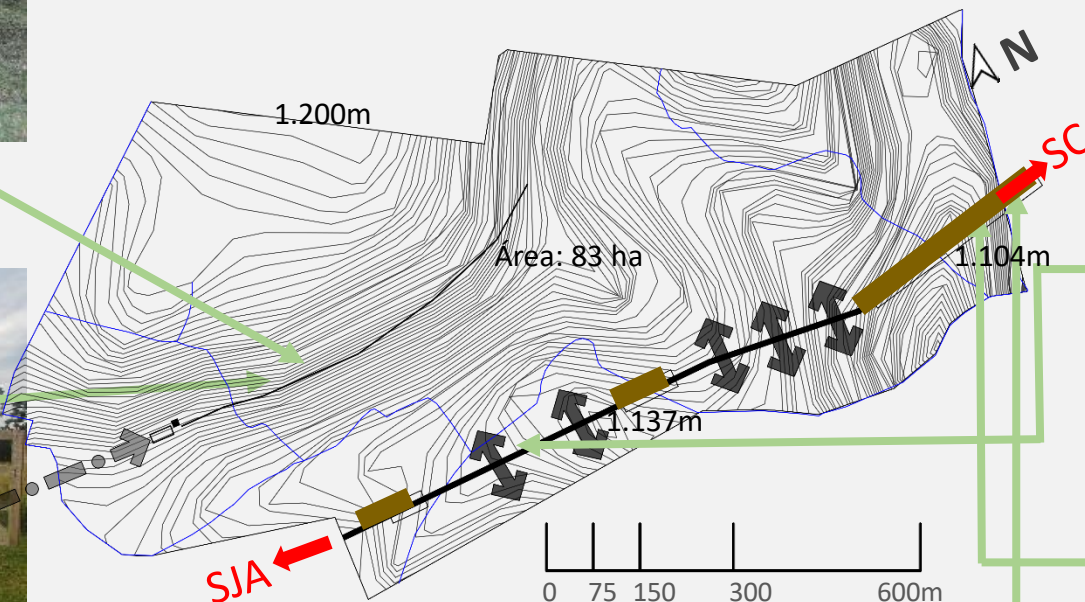




Figura 66: Caminho entre o bosque.
Fonte: Autora



Figura 68: No acesso único, a porteira e os mangueirões de taipa.
Fonte: Autora



Mapa 18: Traçado das vias e acessos ao recorte.
Fonte: Autora



Figura 67: Solo mexido, demarcado onde passará a BR 285.
Fonte: Autora



Figura 69: Visão para o vale com o solo mexido(BR 285).
Fonte: Autora

Legenda:

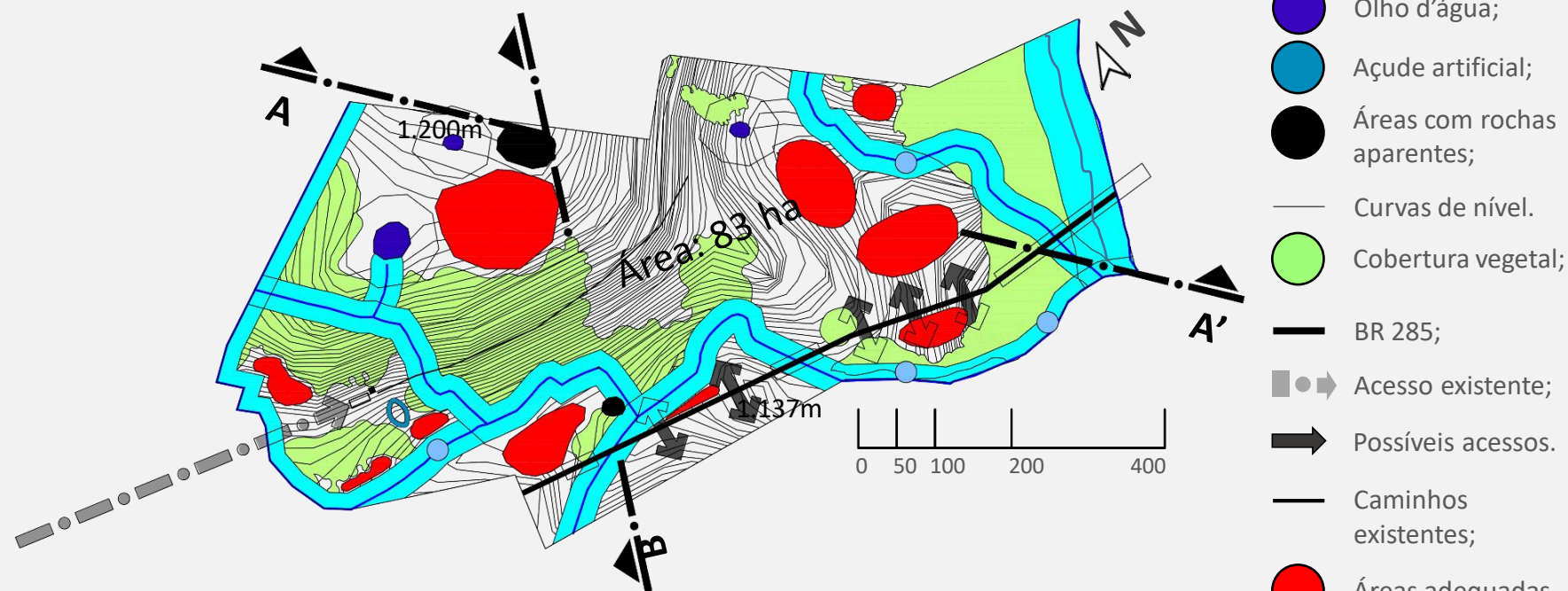
- | | |
|---|---|
| — Riacho; | — BR 285; |
| — Curvas de nível; | ■●➔ Acesso existente; |
| — Caminhos existentes; | ➔ Possíveis acessos. |
| | — Ponte – BR 285. |

Figura 70: Na divisa, vê-se o rio das Antas projeto para uma ponte
Fonte: DENIT



ESCALA LOCAL

MAPA SÍNTESE



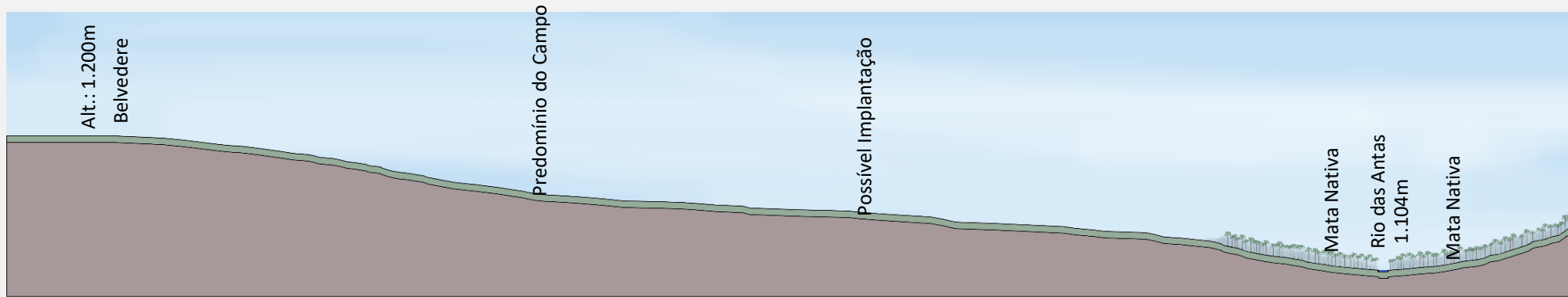
Legenda:

- Riacho;
- Cachoeiras;
- Olho d'água;
- Açude artificial;
- Áreas com rochas aparentes;
- Curvas de nível.
- Cobertura vegetal;
- BR 285;
- ● ➔ Acesso existente;
- ➔ Possíveis acessos.
- Caminhos existentes;
- Áreas adequadas para edificação;
- Áreas de preservação Permanente;
- Edificação existente.

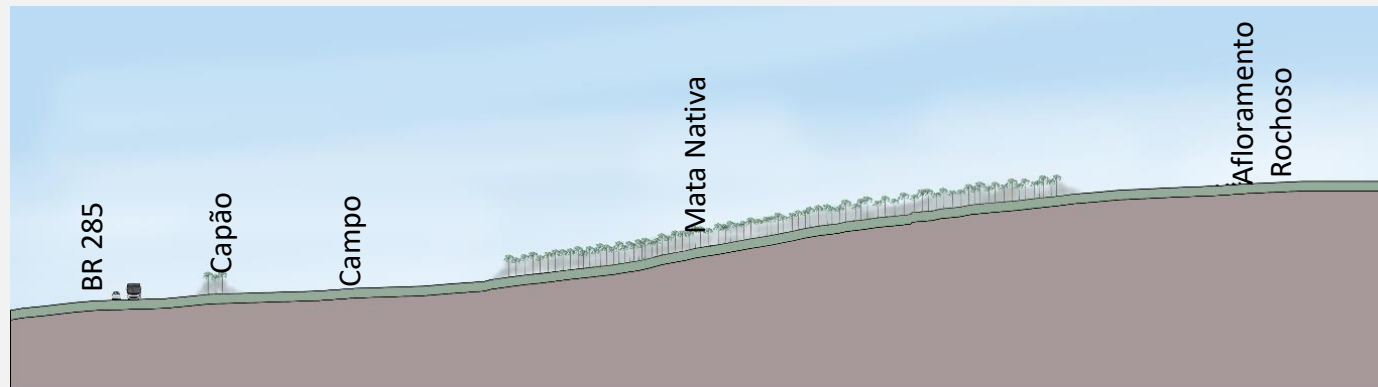
Mapa 19: Síntese das condicionantes do recorte
Fonte: Autora

TERRENO SELECIONADO

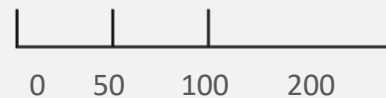
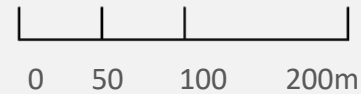
OCUPAÇÃO – Topografia Levemente Ondulada



CORTE A A'



CORTE B B'



REFERÊNCIAS PROJETUAIS

INFINITY BLUE - RESORT E SPA

Balneário Camboriú/ SC - Brasil

Área Construída: x m²

Área Territorial: x m²

Chalés: x u



Figura 71: Área pública central e edifícios privados localizados no entorno.

Fonte: Infinity Blue, 2012

USOS E ACESSOS

Referencial escolhido pelos Usos e acessos. O Resort é aberto ao público, é possível utilizar toda a área de lazer, Spa e gastronômica. Essas medidas colaboram para manter o espaço e sua infraestrutura.

Possui área de lazer central, as hospedagens estão dispostas em seu entorno.

Edifício único de suítes.

As suítes em forma de fita, não permitem privacidade, estando muito próximas.



Figura 72: Vista área de lazer.

Fonte: Infinity Blue, 2012



Figura 73: Vista implantação do Resort.

Fonte: Infinity Blue, 2012

FAZANO LAS PIEDRAS RESORT E SPA

La Barra / Punta del Leste— Uruguai
Área Construída: 5.000 m²
Área Territorial: 480 ha
Arquiteto: Isay Weinfeld
Bangalôs: 32



Figura 74: Volume não destoa na paisagem.
Fonte: Las Piedras Fasano, 2011.

O hotel segue uma linha similar a das casas da região, que utilizam vidros grandes, sem telhado aparente, e linhas mais retas.

IMPLANTAÇÃO, FORMA E MATERIALIDADE

Os bangalôs estão dispostos no ponto mais alto, afim de permitir maiores visuais.

Dispersos no terreno, propiciam maior conforto e privacidade. Amplos terraços privativos, reúne atributos de praia e campo.

.

Implantação pulverizada das unidades que compõe o complexo, concebidas e distribuídas como módulos isolados, “pousada naturalmente” sobre o terreno.

Figura 76: Implantação.
Fonte: Summa – Julh.2011



Figura 75: Bangalôs 80 m².
Fonte: Summa – Julh.2011



CONDOMÍNIO SANTA TEREZA

Condomínio escalonado na Zona Sul da capital gaúcha, foi projetado pelo porto-alegrense Ruben Kleebank, início dos anos 1970.

Cada degrau tem dois apartamentos de pelo menos 281 metros quadrados com terraço e piscina — são 30, ao todo. No Encosta do Poente, quase tudo é peculiar. É um prédio em que se pode entrar também pelo topo — quem mora nos últimos andares chega pela Rua Sinke, 70 metros acima do nível do mar, enquanto os apartamentos mais baixos usam uma entrada na Rua Monroe, quase na altura do Guaíba.

FORMA, IMPLANTAÇÃO, ACESSIBILIDADE, VISUAIS

Condomínio "deitado" sobre o Morro Santa Tereza é um exemplo da variedade arquitetônica de Porto Alegre.



Figura 77: Edifícios Escalonados- incluso no guia de Arquitetura de POA..
Fonte: Gaúcha zh.com.br

CONDOMÍNIO SANTA TEREZA - ACESSIBILIDADE

O elevador também não é comum. Em vez de subir reto, se movimenta sobre um trilho, em plano inclinado, no meio dos dois blocos do condomínio. A subida parece o início de uma montanha-russa, quando os vagões são puxados lentamente até o topo — mas sem emoção depois. Do subsolo ao ponto mais alto, o trajeto pode levar três minutos. Como se já não fosse diferente o bastante, o elevador ainda tem dois andares: em cima, é o social e, em baixo, o de serviço.

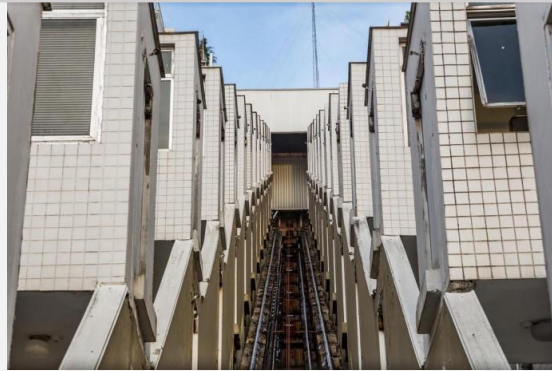


Figura 78:. Acessibilidade na diagonal.
Fonte: Gauchazh.com.br -2018



Figura 79:. Vista para o Estádio e o Guaíba.
Fonte: Gauchazh.com.br ,2018



Figura 80: Solução arquitetônica
Fonte: Gauchazh.com.br, 2028.



Figura 81: Transporte funicular.
Fonte: depositphotos.com

REFÚGIO RONES

Arquitetos: Sanden+Hodnekvam

Localização: Steinkjer, Noruega.

Autores: John Sanden e Ingild Hodnekvam

Programa: Residencial, cabine.

Área: 47. m²

Ano: 2019.

A cabana tem uma implantação compacta que se adapta à paisagem e preserva a vegetação local.

O pavimento principal é de concreto com três níveis diferentes de adaptação ao terreno. A base de concreto e as grandes janelas de madeira na frente sustentam o segundo pavimento; um volume de forma triangular de madeira laminada protegida por um telhado preto.

FORMA, IMPLANTAÇÃO, MATERIALIDADE



Figura 82: Fachada de vidro, aberto para o fiorde.

Fonte: ArchDaily.com

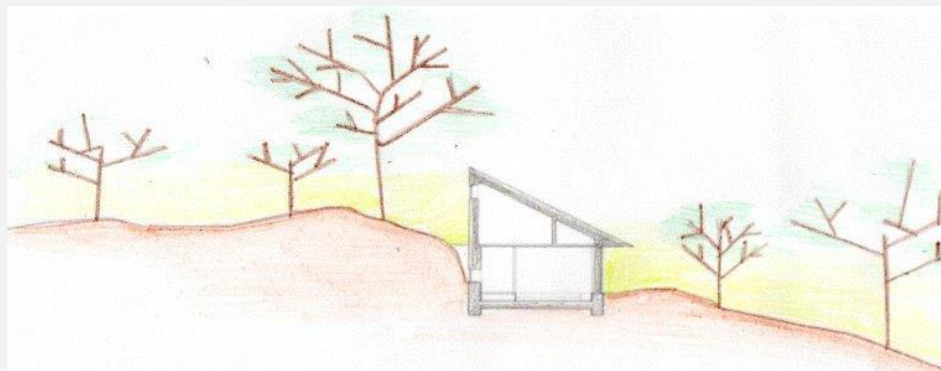


Figura 83: A implantação do Chalé se adapta a paisagem e preserva o local

Fonte: ArchDaily.com

BOTANIQUE HOTEL E SPA

Localização: Conde do Pinhal, São Carlos – SP, Brasil.

Área: 7000.0 sqm

Arquitetura: Candida Tabet

Arquitetura, Oliver Gohan.

Ano do Projeto: 2006

As grandes janelas de vidro, em forma de triângulo, abrem o mundo interior da edificação. O uso de materiais, como: madeira, pedras, aço e vidro, traduz um forte significado da arquitetura local



Figura 85: Visuais
Fonte: ArchDaily

VOLUMETRIA, IMPLANTAÇÃO, MATERIALIDADE

Localizado na junção de três vales de rio, cercado de uma pitoresca área montanhosa de vales e cumeeiras, no coração das montanhas da Mantiqueira, o Botanique Hotel & Spa se encontra envolto por uma rica mata Atlântica subtropical, 1.200 metros acima do nível do mar e no coração do Bairro dos Mellos, a apenas 12 km de Campos de Jordão.

Pelo referencial exposto, percebe-se a compreensão do conceito de identidade cultural, e o seu forte significado na arquitetura do local. Soluções arquitetônicas para o Bloco principal do Hotel Fazenda proposto. Abaixo, o corte mostra a implantação acomodada no desnível do terreno.



Figura 84: Volumes.
Fonte: ArchDaily

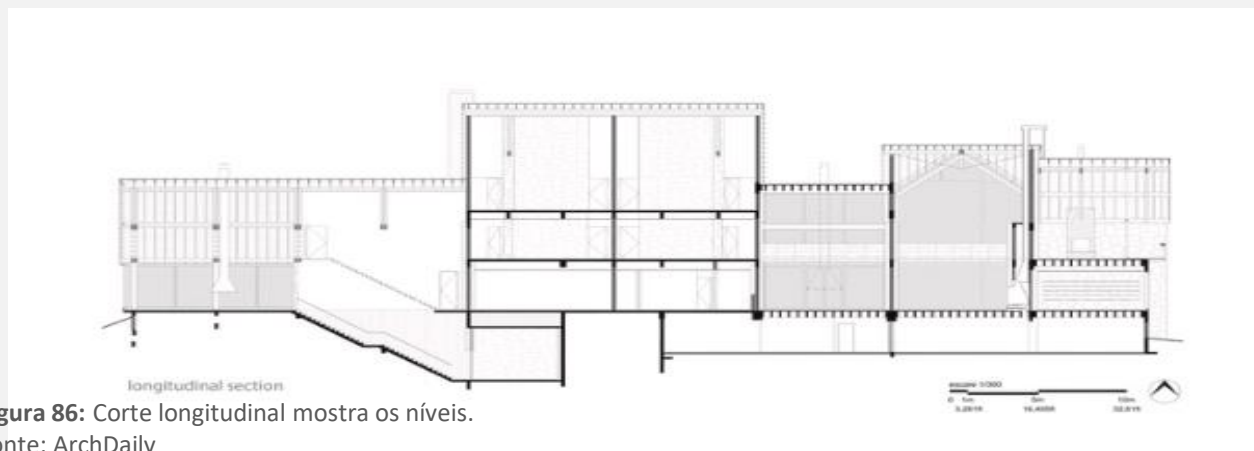


Figura 86: Corte longitudinal mostra os níveis.
Fonte: ArchDaily

PARTIDO ARQUITEÔNICO

Figura 87: Paisagem do terreno.
Fonte: Autora





CRITÉRIOS DE ESCOLHA DO TERRENO:

- Local de fácil acesso.
- Localização em terreno com dimensão suficiente para implantação da proposta.
- Local de paisagem natural que permite o contato com a natureza.
- Local afastado do centro urbano.
- Local em que a topografia favoreça visuais.

Será preservada a vegetação nativa, considerada de grande importância para manutenção do ecossistema local, principalmente de mata nativa com araucárias e vegetação em áreas de APP e beira de riachos, cachoeiras e olhos d'água, além de preservar os cursos hídricos que corta o terreno, resultantes de duas sub-bacias: Rio Pelotas e Rio das Antas. Proposta para corredores ecológicos com o fluxo da fauna no local.

SOBRE O TERRENO SELECIONADO:

- Topografia favorável que fortalece a relação entre o usuário e a paisagem.
- Conforme referenciais de hospedagem e lazer, a interação com o campo, animais e a água cria maiores possibilidades de recreação e lazer, incentivando o turismo regional do Campos de Cima da Serra;
- Causar o mínimo impacto na área, utilizando os recursos existentes no terreno para construção.
- Acesso público para visitantes como principal diretriz para proposta.
- Propor uma arquitetura que não descaracterize a paisagem.

CARACTERÍSTICAS:

- Alta durabilidade, mesmo quando submetida às intempéries;
- É um material renovável; preço mais acessível do que o concreto e o aço;
- Boa resistência mecânica aos esforços de compressão e tração;
- Boas características de isolamento térmico e acústico.

CONCEITOS

ASPECTOS CONCEITUAIS



Oferecer atividades relacionadas com o turismo de São José dos Ausentes.



Seguir uma base estrutural para a infraestrutura turística partindo de propostas apontadas no Plano Diretor do município e de projetos de turismo em estudo da região.



Preservar a paisagem natural, trabalhando com o conceito de sustentabilidade /infraestrutura verde.



Integração entre os usuários através de diferentes espaços de convivência, gastronomia, cultura, esportes radicais e entretenimento.

DEMANDA TURÍSTICA

O município de São José dos Ausentes aponta uma demanda reprimida, conferindo poucos leitos, justificando uma nova hospedagem.



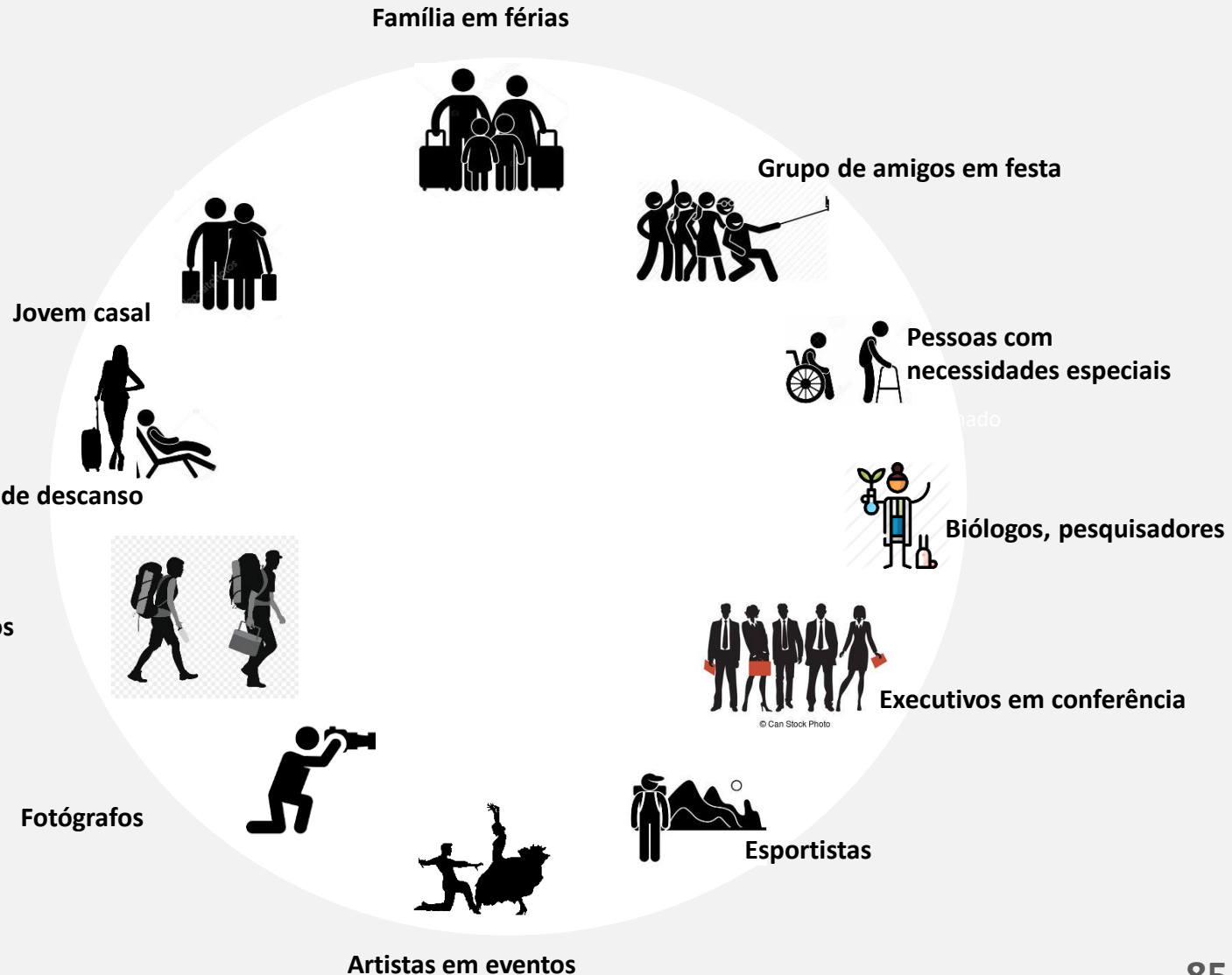
Figura 89 : Rochas e araucárias, beleza natural do lugar.
Fonte: Autora

PÚBLICO ALVO

O perfil do Hotel é bastante variado: casais, jovens amigos, pesquisadores e biólogos, observadores de pássaros, pessoas que buscam relaxar e se divertir, executivos, famílias, etc.

O Hotel promoverá atividades voltadas a natureza e aventura: trilhas, cavalgadas, banho de cachoeira, caminhadas por mata nativa existente no terreno.

Atividades que incentivarão o uso o ano inteiro: convenções, reuniões executivas, shows, eventos, teatro, restaurante, café e Spa.



1. PRIVADO: Amplas aberturas de vidro e a topografia elevada, permite melhores visuais para a paisagem, aguçando a curiosidade do hóspede e incentivando o uso deste local.
2. PRIVADO: Chalés escalonados permite maior privacidade e abre para a paisagem natural do lugar.
3. PRIVADO: As suítes mais acessíveis para viajantes se encontram no andar superior do bloco principal.
4. PÚBLICO: Em contrapartida ao usos das cachoeiras, será fornecido ao público acesso por passarelas, assim como das áreas de estar públicas.
5. PRIVADO: Buscar privacidade para os chalés de um dormitório através dos diferentes níveis na topografia.
6. SPA: locado com certo afastamento da área de hospedagem e área externa de lazer, afim de se distanciar dos ruídos indesejados. Cercado por vegetação, é um local para relaxar contemplando a paisagem.

7. PÚBLICO: É proposto uma área de estar pública, com bancos, mesas, iluminação, espaço para quiosque com venda de bebidas e lanches, banheiro público, espreguiçadeiras. Na parte considerada APL (Área de Preservação Limitada) pela alta declividade, ao meio as vegetações nativas, foi proposto trilhas.

8. SERVIÇO: Acesso de funcionários pelo estacionamento, não conflitando o fluxo de hóspedes. Facilitando o recebimento e armazenamento. Vegetação oculta o estacionamento.

9. BLOCO PRINCIPAL: Composto por restaurante que abriga público e privado, salão campeiro, auditório, sanitários, lojas em torno de uma praça com a intenção de acolher os hóspedes bem como visitantes. Locado estrategicamente, afim separar o bloco de serviços das áreas comuns. Divide seu estacionamento com a área pública proposta. Os usos propostos funcionarão o ano inteiro, prevendo a não sazonalidade ao Hotel.

10. BORDA DO RIACHO DO VALE: A borda do riacho contará com uma faixa de no mínimo 30 metros conformada por passarela, permitindo a contemplação do usuário sem causar impacto negativos à paisagem natural. Onde há vegetação nativa será preservada e, onde a declividade permita, o Hotel disponibilizará mobiliários que se adapte ao local, como: gazebo, espreguiçadeiras, bancos, lixeira e pergolados.

INTENÇÕES PROJETUAIS

TRATAMENTO DE ESGOTO

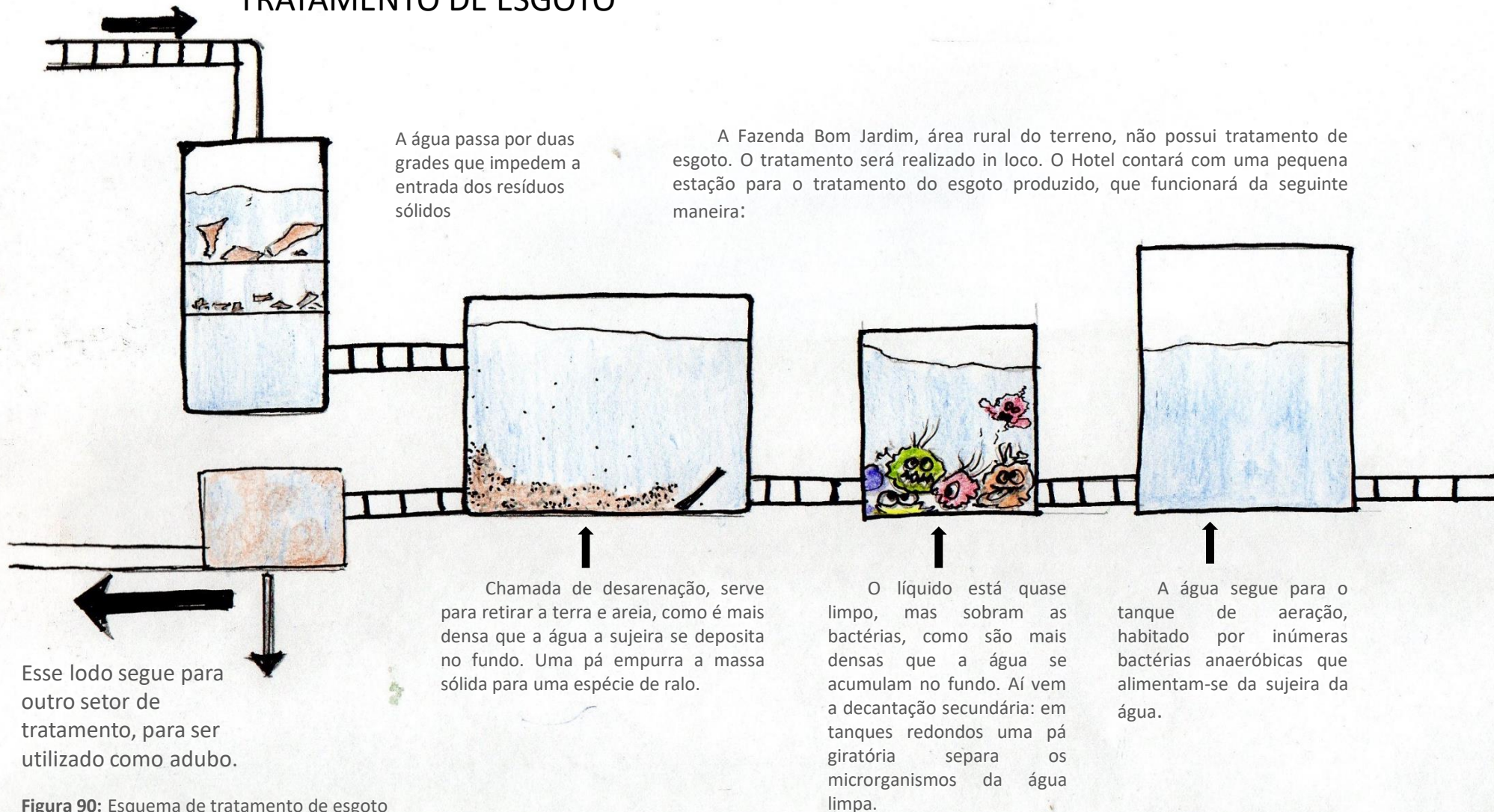


Figura 90: Esquema de tratamento de esgoto
Fonte: Autora

INTENÇÕES PROJETUAIS

CLIMATIZAÇÃO NATURAL E APROVEITAMENTO ÁGUA DA CHUVA

Além de uma boa arquitetura com orientações solares de acordo com os usos, será implantado um sistema de aquecimento com placas fotovoltáicas, lareiras como fonte de calor para o aquecimento da água utilizando madeira de reflorestamento, seguindo as características de sustentabilidade intencionadas no projeto.

A captação e utilização de águas pluviais para fins não potáveis, quando ao dimensionamento criterioso do sistema de captação, coleta e reservatório, evita implantação de projetos inadequados. O sistema apresentado abaixo, apresenta como uma alternativa viável ao projeto proposto.

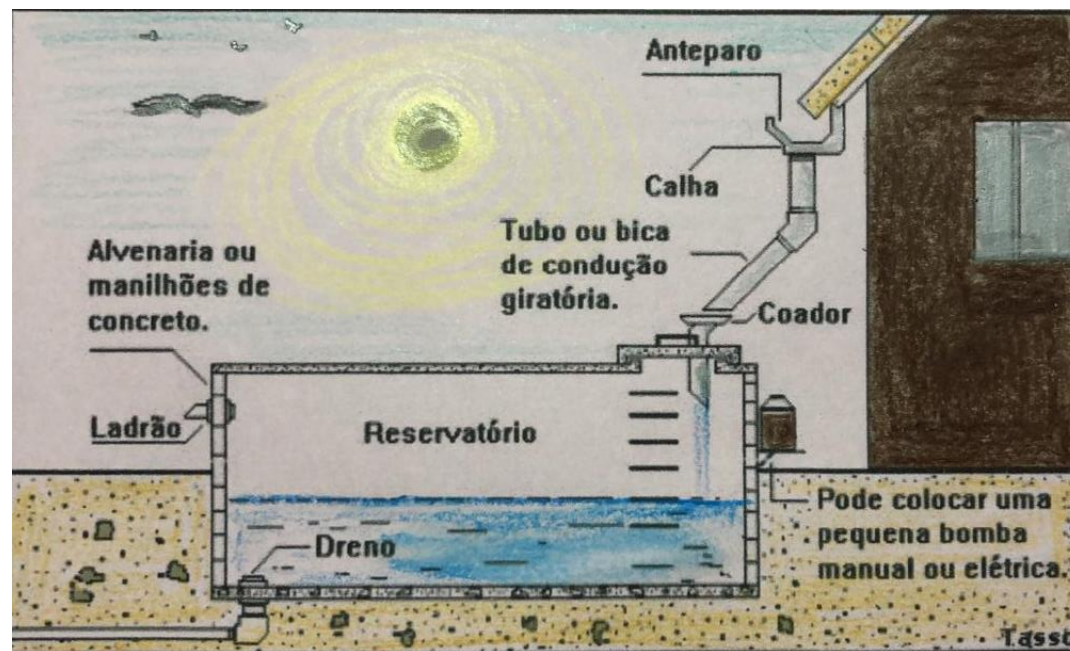


Figura 91: Esquema de aproveitamento da água da chuva.
Fonte: Revista Mix Sustentável - Ufsc.

INTENÇÕES PROJETUAIS



Figura 92: Croqui mostrando a acessibilidade com o transporte funicular no eixo de implantação da proposta.
Fonte: Autora

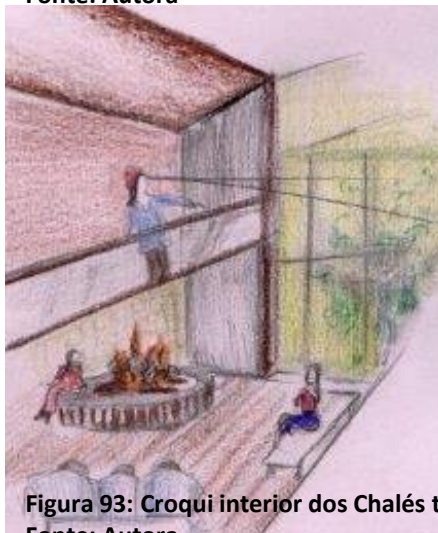


Figura 93: Croqui interior dos Chalés tipo 2. Mezanino, aberto para a paisagem.
Fonte: Autora

1. Buscar acessibilidade e integração com a paisagem usufruindo do transporte funicular no eixo com maior declividade;
2. Os chalés escalonados e adaptados à topografia, se abrem para o vale, usufruindo das condicionantes naturais.
3. Spa – Locado no ponto mais alto do recorte, permite o encontro com a natureza exuberante, aguçando a curiosidade e incentivando o uso do local..
4. O bloco principal , locado próximo ao acesso é aberto ao público. A área privada, no segundo pavimento, abriga hospedagem com cinco suítes.

DIRETRIZES:

- 1 - Manter parte do terreno com acesso ao semi-público .
- 2 - O equipamento proposto deverá minimizar impactos ambientais negativos.
- 3- Propor uma arquitetura dinâmica, que transmita idéia de movimento, fazendo analogia com o trânsito de passagem caracterizado da BR 285, e pelas ondulações da topografia do terreno.
- 4 - Locar as edificações de modo que todos possam desfrutar os visuais privilegiados da paisagem natural.
- 5 - Propor um bloco que compreenderá usos de lazer e gastronomia aberto a população.
- 6 - Utilizar a topografia como fator determinante no lançamento da proposta.

PROGRAMA DE NECESSIDADES/PRÉ DIMENSIONAMENTO:

Para elaboração do Pré dimensionamento do Hotel Fazenda, tem-se como base o estudo realizado por Andrade (2005).

Uso público

Praça – 350 m²
Estacionamento - 40 vagas
Borda da Cachoeira APP –
Belveres –
Sanitários–45 m².

Uso bloco de acesso público

Restaurante – 600 m²
Salão Campeiro – 225 m²
Café– 200 m²
Recepção – 100 m²
Auditório– 375 m²
2 Lojas – 36 m²

Uso privado

Hall de entrada – 50 m²
Recepção – 100 m²
Lobby – 300 m

Lavabos – 30 m²
Garagem- 40 vagas
Sala de Reuniões – 50 m²

Spa

Massagem– 50 m²
Quiropraxia– 100 m²
Piscina Aquecida – 350 m²
Fitness– 200 m²
Sauna – 50 m²
Sanitários e Vestiários– 60 m

18 Chalés tipo 1- 40 m² cada
13 Chalés tipo 2- 60 m² cada
05 Suítes

Área do Terreno – 830.000,00 m²
Área Construída – m²
Bangalôs– 31 unidades.

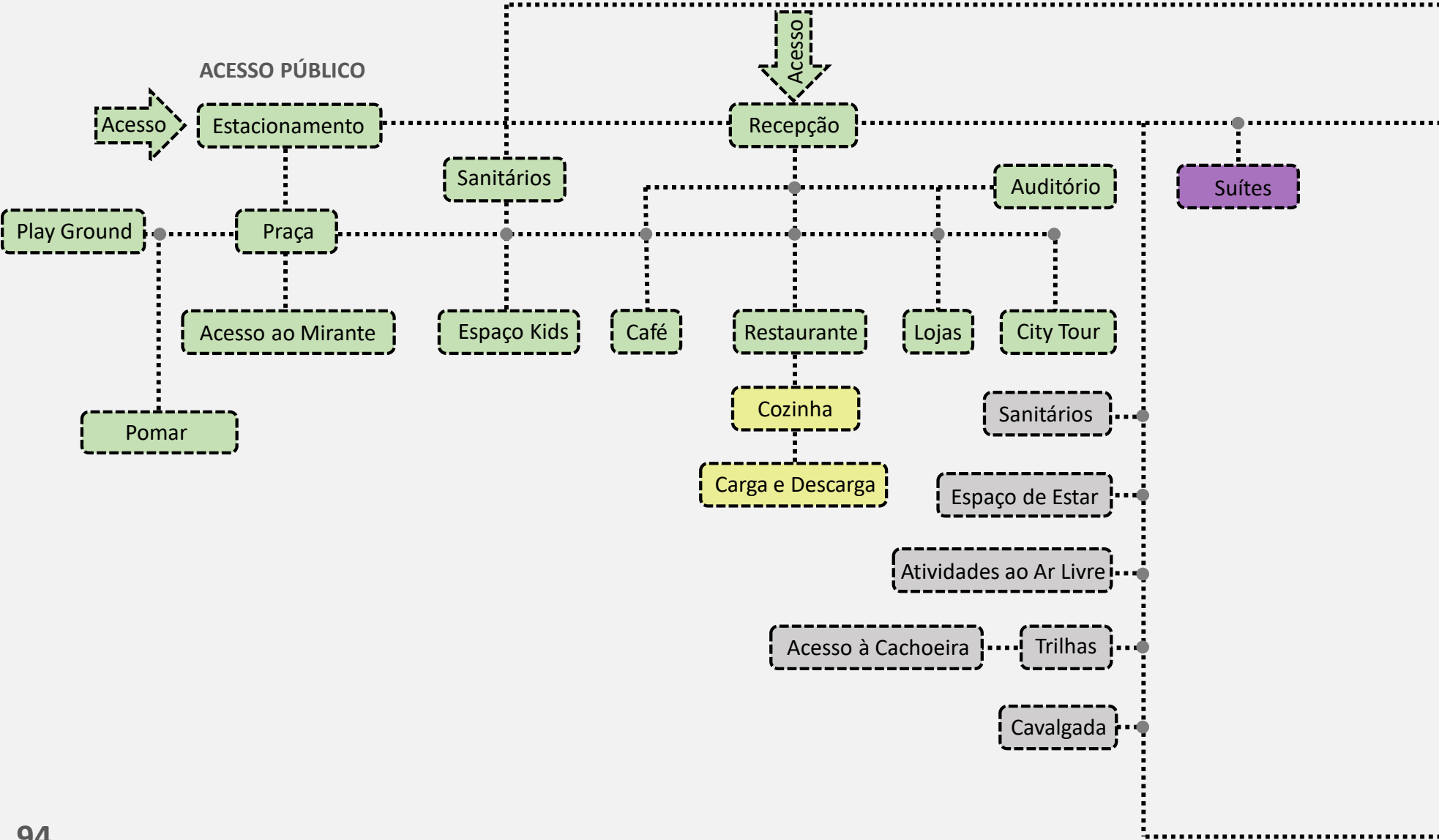
Serviço

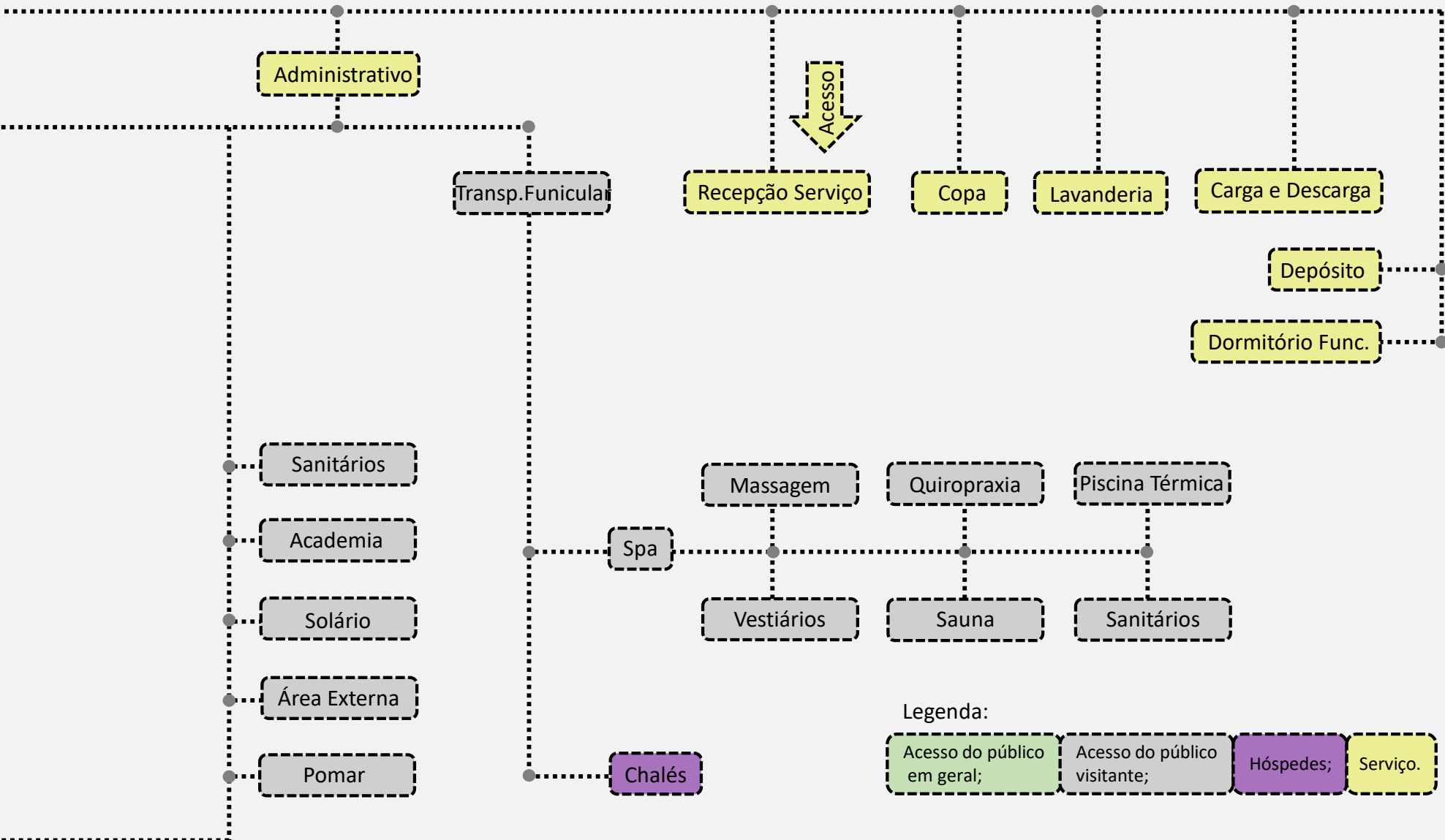
Área de trabalho
administrativa– 100 m²
Cozinha – 32 m²
Copa – 30 m²
Lavanderia – 50 m²
Dormitórios Func. – 25 m² cada
Estar dos Func. – 100 m²
Depósito– 50 m²
Carga e descarga – 20m²
Sanitários e Vestiários– 70 m².

Atividade Esportiva ao Ar Livre Equitação

Trilhas Ecológica
Banhos de Cachoeiras
Belvederes – Arte de fotografar
City Tour por SJA

ORGANOGRAMA





ANÁLISES

Em face da grande área e condições do terreno, bem como diretrizes projetuais, as edificações, como: spa e chalés serão proposta implantação para a parte mais alta do terreno.

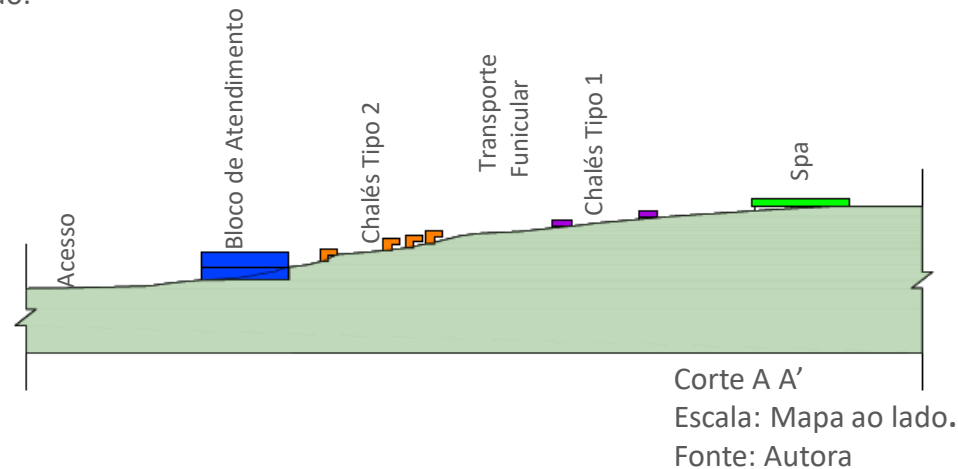
Verifica-se a melhor orientação solar e visuais usufruindo da paisagem natural..

ZONEAMENTOS

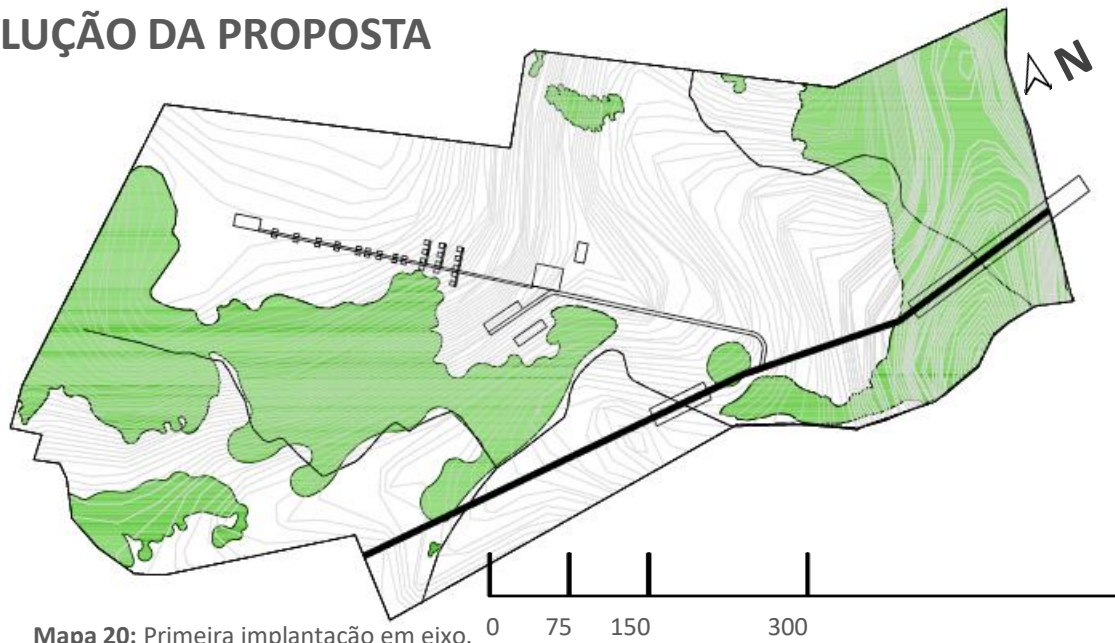
Primeira implantação, observa-se o dimensionamento entre os edifícios, não ser esta a melhor proposta de implantação. Em contrapartida, a proposta que segue, como aparece melhores condições de funcionamento, de acesso, e sobretudo de orientação climáticas para os espaços de estares e permanência.

ESTUDOS DE IMPLANTAÇÃO

Primeiros Estudos de implantação e volumetria, adaptando os edifícios na topografia, conformando espaços de lazer e estar que explore o visual paisagístico e cultural da região.



EVOLUÇÃO DA PROPOSTA



Mapa 20: Primeira implantação em eixo.
Fonte: Autora

Mapa 21: Implantação proposta atual
Fonte: Autora

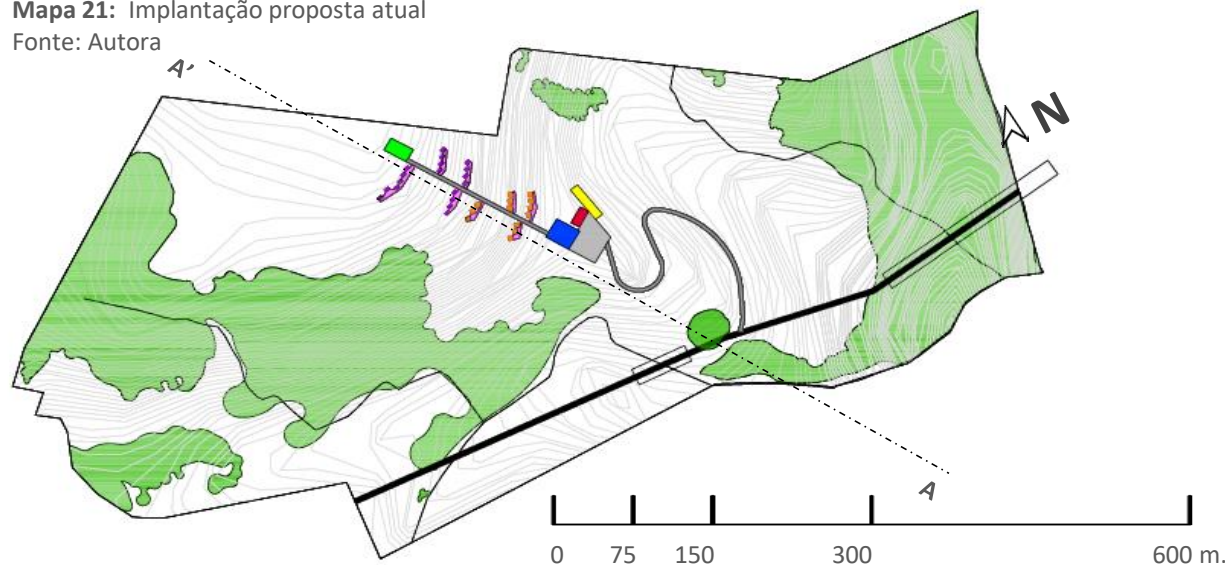


Figura 94: Carro de Golf Elétrico.
Fonte: www.golf.tur



Figura 95 : Exemplo de elevador de plano inclinado.
Fonte: www.pmf.sc.gov.br/noticias

LEGENDA:

- Chalé 1
- Chalé 2
- Spa
- Bloco Principal
- Serviço
- Praça
- Garagem Hóspedes

Proposta Atual



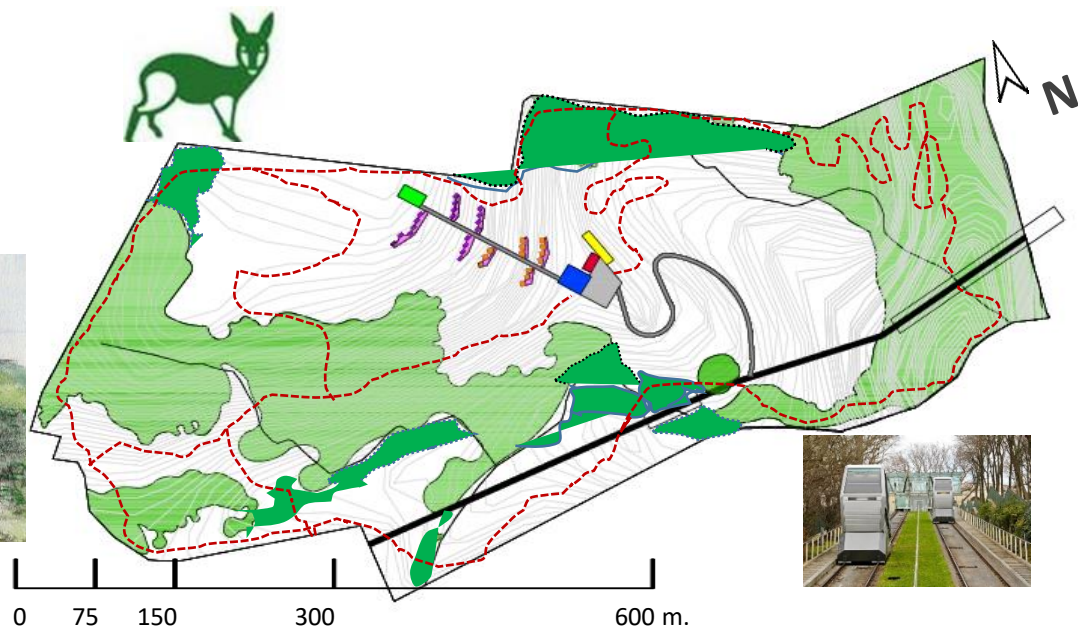
Mapa 57: Croqui implantação do conjunto
Fonte: Autora

A implantação da proposta atual, reduz o dimensionamento do eixo, locando as edificações em área de topografia com maior inclinação, ampliando bem mais os visuais à paisagem. Chalés com melhor orientação solar.

Amplia-se a rede de conexões de áreas verdes, riachos, protegendo a fauna e flora local.

Cria-se mais trilhas interligando-as as existentes para os esportistas de aventuras.

Mobilidade pensada através do transporte funicular que conecta ao Bloco principal.



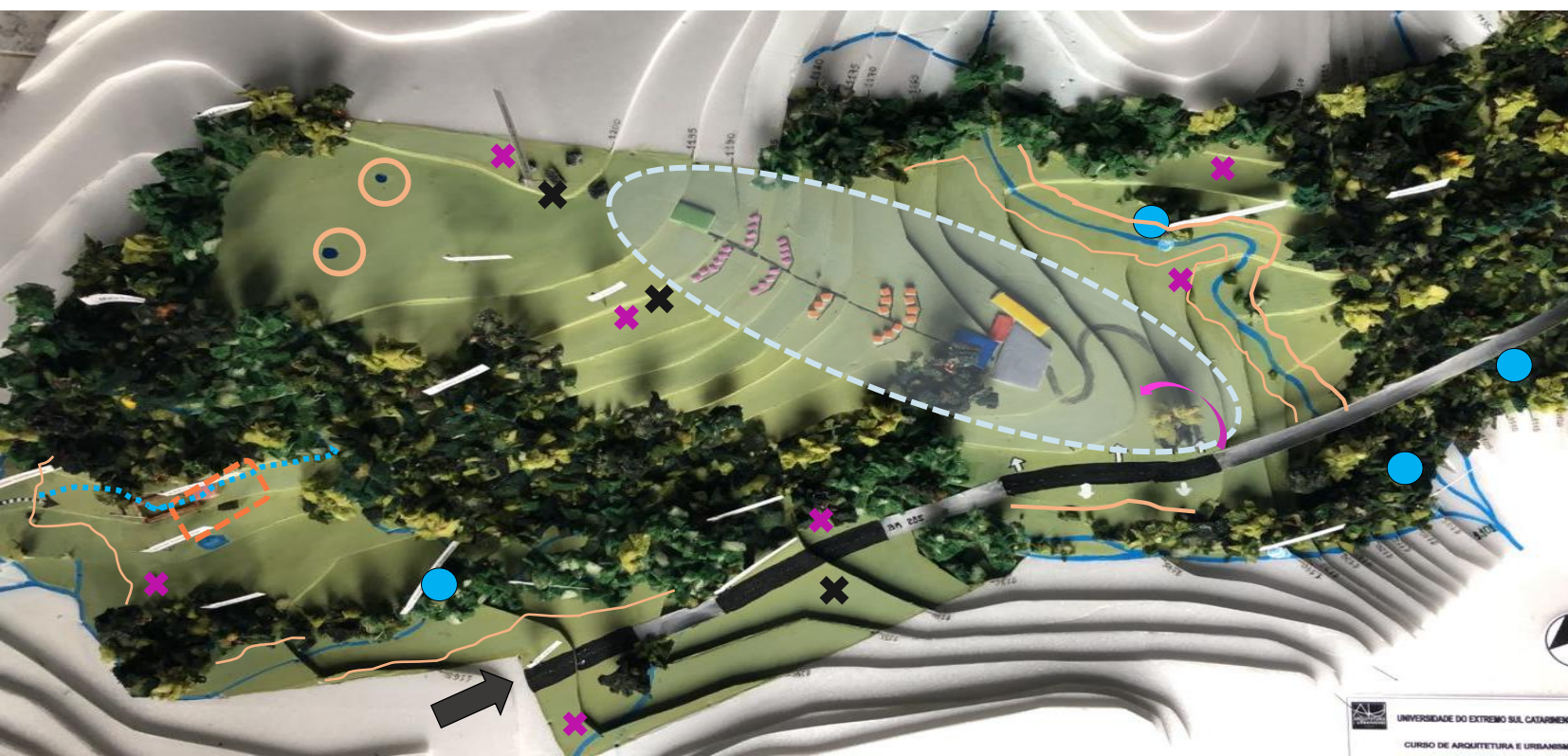
Mapa 23: Implantação de todo o conjunto.
Fonte: Autora



Proposta Atual

- Fácil acesso através da BR 285;
- Edificação locada a 1.190 metros acima do nível do mar;
- Integração: o hotel concentra as atividades sociais em um único bloco;
- Acessibilidade através do transporte funicular;
- Implantação dos chalés em pontos que ruídos não perturbe e se abra para a paisagem.
- Tratamento paisagístico do entorno;
- Materiais rústicos como: pedra e madeira reportarão as antigas casas rurais. Grandes planos de vidros para favorecer a permeabilidade com a paisagem.

Figura 96: Maquete Física - implantação.
Fonte: Autora



Legenda:

- Riacho;
- Cachoeiras;
- Olho d'água;
- Açude artificial;
- ✕ Áreas com rochas aparentes;
- Curvas de nível.
- Campo;
- Mata Nativa;
- ● Acesso existente;
- ➔ BR 285;
- ➔ Acesso proposto;
- ▭ Edificação existente.
- ▭ Área Implantação
- Áreas de preservação Permanente;
- ✕ Belvederes.
- Caminhos existentes



IMPLANTAÇÃO

Terreno Vizinho

Implantação de corredores verdes objetivando a conectividade flora e fauna

Área semiprivada do Hotel Fazenda

Acesso Pedestres

Área Pública

Acesso a Veículos

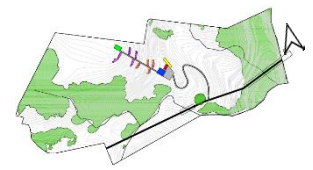
Acesso ao riacho

Acesso as bordas do Vale por passarela que acompanha a topografia

BR 285

Área de Preservação Permanente

Figura 97: Maquete física do recorte com a implantação da proposta final.
Fonte: Autora



Mapa 24: Recorte Proposto final
Fonte: Autora

A topografia do terreno é bem acentuada, partindo de um mil cento e um metros no nível do vale (Rio das Antas), chegando a um mil e duzentos metros no ponto mais alto do recorte.



Figura 98 : Croqui O homem e a natureza .
Fonte: Autora

PROPOSTA FINAL

A 1200 metros acima do nível do mar, a Serra Gaúcha é formada Pela BR 285 que parte de São Borja, RS (divisa com a Argentina), passa no terreno da proposta, desce a Serra da Rocinha e liga a BR 101 em Araranguá-SC.

O Hotel Fazenda concentra suas atividades sociais e de hospedagem rápida em um único bloco. Oportunidade para integrar o hóspede e o visitante.

Encurtando o percurso do hóspede e trazendo acessibilidade através do transporte funicular, foram locados os Chalés em pontos onde o ruído não perturbe e se abra para a paisagem.



Figura 99 :Maquete física do recorte com a implantação da proposta final..
Fonte: Autora

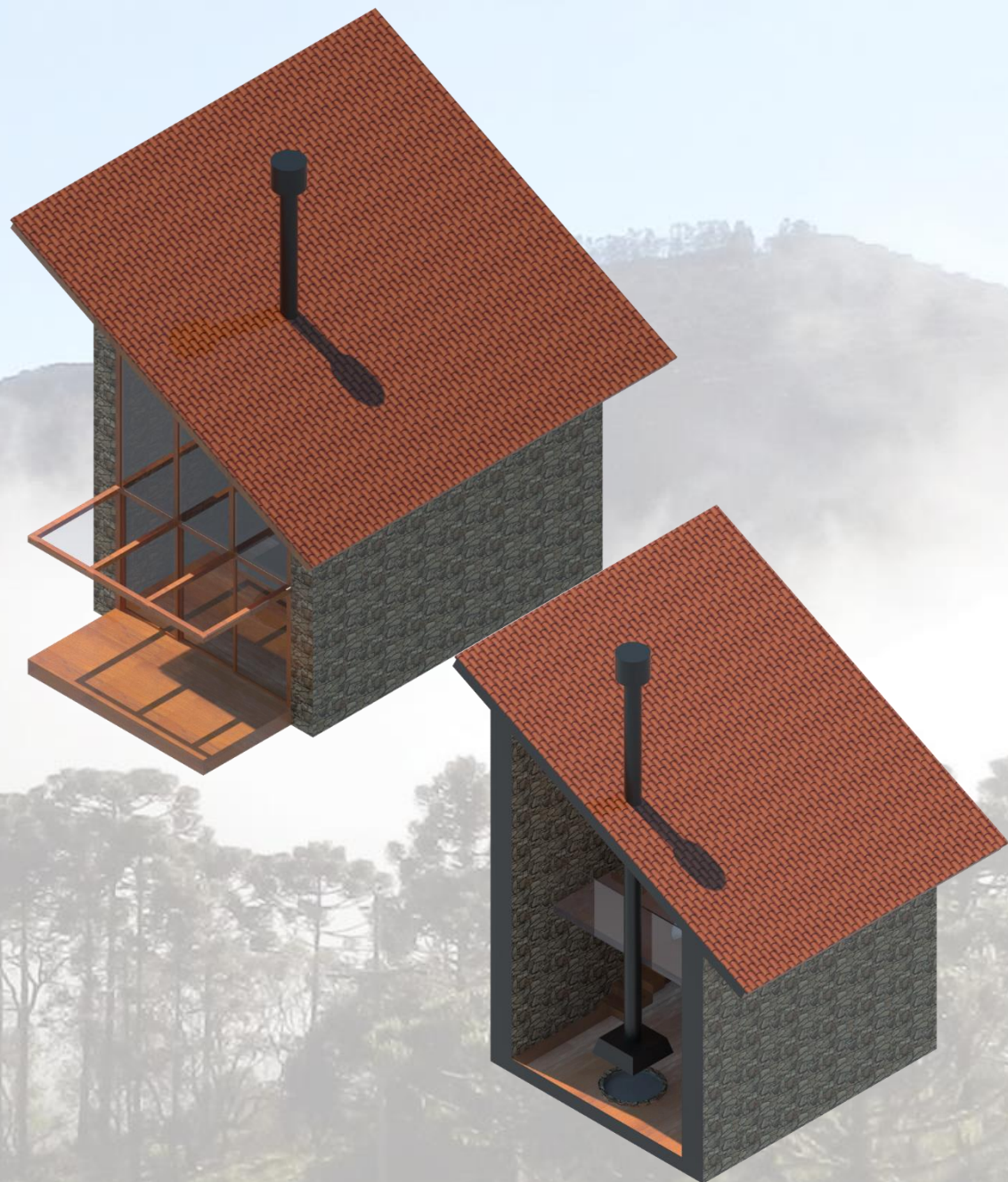
Tratamento do Entorno: É importante que se faça também o estudo do entorno das edificação, identificando as medidas a serem adotadas em seu tratamento tais como: criação de jardins (gramados), evitando excesso de pavimentação com materiais que absorvam umidade, calor e/ou com alta reflexão da radiação solar.

Os Chalés Tipo 2, abriga um mezanino e se adapta ao desnível da topografia abrindo para visuais. Materiais como: pedra, alvenaria, vidro, material rústico assim como os acabamentos e componentes em madeira, reportam-se as antigas casas rurais tradicionais com uma pegada contemporânea.

Partido - Unidade

Perspectiva do Chalé 2 Fachada frontal

- Espaço acolhedor de 48 m² que integra a paisagem;
- Cobertura inclinada que permitiu instalar o mezanino - quarto do casal. No térreo, banheiro e estar com sofá - cama e fogo de chão.
- Sol da manhã predominante em cômodos posicionados a noroeste.
- Fechamento em pedra nas laterais e grandes planos de vidro nas esquadrias em madeira.
- Pérgola coberta em vidro sob um tirante.



Partido - Unidade

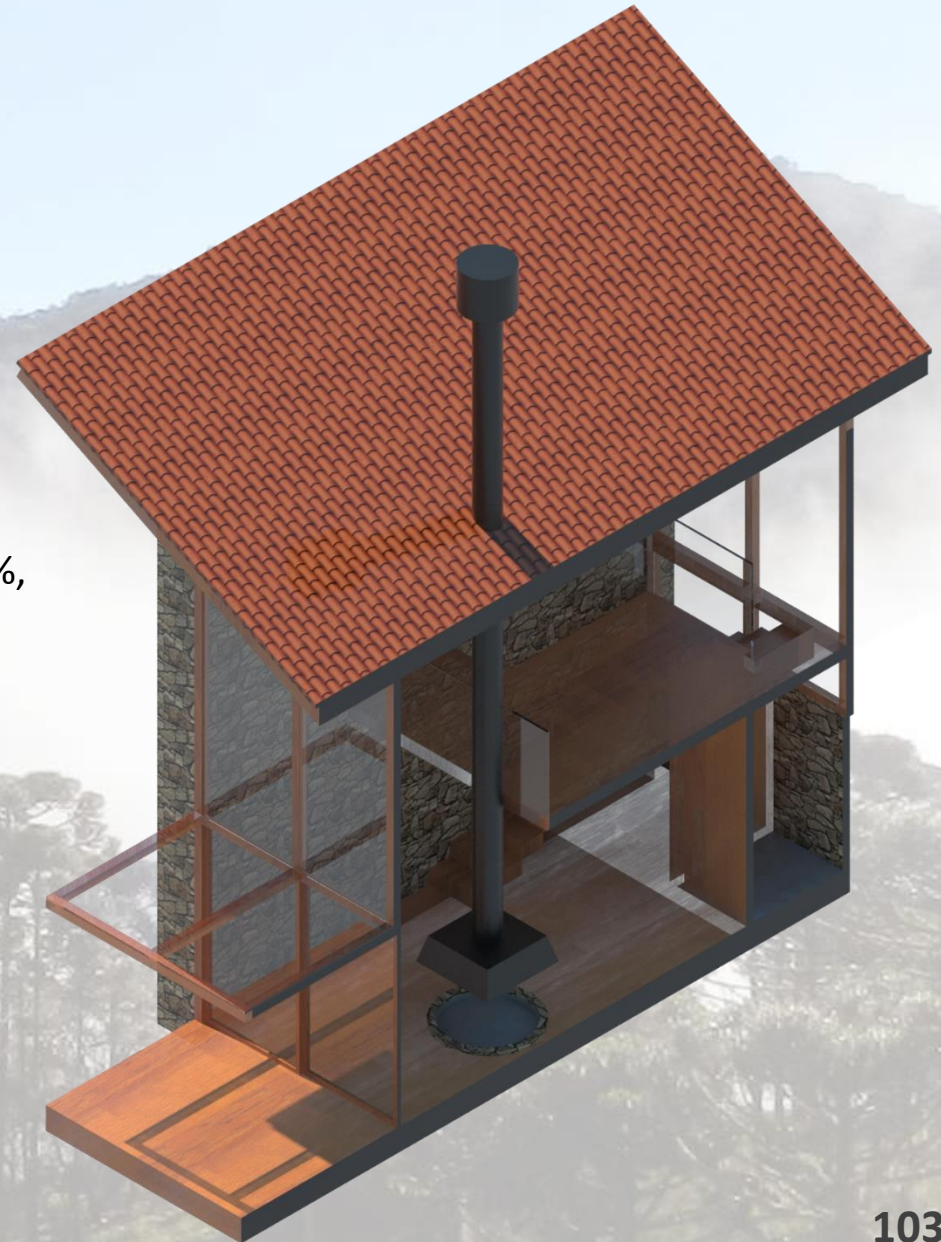
Corte Transversal

Materiais:

- Cobertura em telha cerâmica (inclinação = 50%, escoar neve), armação em madeira.
- Parede em pedra de taipa.
- Piso: cimento queimado.
- Escada e esquadrias em madeira.

Dimensionamento:

- Térreo = 24,40 m²
- Mezanino = 15,21 m²
- Varanda = 8,00 m²



Partido - Unidade

Layout

Mezanino-Dormitório

Ventilação cruzada

Transparência e iluminação natural

Circulação Vertical – abaixo armários

Banheiro

Sofá- cama integrado com a sala

Acesso pela Varanda



Partido – Chalés

- Paisagem natural serrana com acessibilidade;
- Sustentabilidade no meio rural;
- Aconchego;
- Integração;



O conceito de interior e exterior do edifício está baseado na natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIAH Hotel. 2012. Disponível em: <<http://www.arkiz.com.br/aliah-pt/>>. Acesso em: 06 maio 2019.

Arquitetura Ecológica X Arquitetura Sustentável, SustentArq, 31 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://sustentarqui.com.br/arquitetura-ecologica-x-arquitetura-sustentavel/>>. Acesso em: 23 de março de 2019.

CORBIOLI, Nanci: **Hóspedes Da Selva**. Projeto Design. 10 de jan. de 2014. Disponível em: <arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/mareines-patalano-hotel-amazon-resort-jordao-acre>. Acesso em: 23 de março 2019.

CRUZ, Daniela. **House 8 in Bruma / TAC Taller de Arquitectura Contextual**. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com/910462/house-8-in-bruma-tac-taller-de-arquitectura-contextual?ad_medium=gallery>. Acesso em: 17 maio 2019.

DESAPROPRIAÇÃO (Estado). Constituição (2005). **Decreto Nº 43.628, de 17 de Fevereiro de 2005**. Porto Alegre, RS.

EDUCALINGO. **Resort**. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-pt/resort>>. Acesso em: 06 mar. 2019

FRACALLOSSI, Igor. **Fasano Las Piedras Hotel / Isay Weinfeld**. 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/01-30866/fasano-las-piedras-hotel-isay-weinfeld?ad_medium=gallery>. Acesso em: 06 maio 2019.

GONZÁLEZ, María Francisca. **Five Nations Golf and Hotel / Jahnke-Ledant Architects**. 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/911838/five-nations-golf-and-hotel-jahnke-ledant-architects>>. Acesso em: 17 maio 2019.

HEPNER, Alexandre; PAYAR, João Paulo; BRYCH, Rafael. **Aliah Hotel**. 2012. Disponível em: <<http://www.arkiz.com.br/aliah-pt/>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

HOTEL. 2016. Disponível em: <<http://www.gcp.arq.br/projetos/votu-hotel/>>. Acesso em: 17 maio 2019.

IBGE. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-jose-dos-ausentes/pesquisa/40/30277?tipo=grafico&indicador=30277>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

IBGE. **São José dos Ausentes**. 2011. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-jose-dos-ausentes/historico>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

INESQUECÍVEL PASSEIO NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA GAÚCHA. Paraná, 16 jan. 2008. Disponível em: <<https://www.tribunapr.com.br/arquivo/viagem-turismo/inesquecivel-passeio-nos-campos-de-cima-da-serra-gaucha/>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

JACOBI, Pedro. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CIDADANIA E SUSTENTABILIDADE**. 2003. 205 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Ambiental, Programa de Pós-graduação, Universidade de São Paulo - Usp, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

LIBARDONI, Vinicius. **Woodhouse Hotel / ZJJZ**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/913069/woodhouse-hotel-zjjz>>. Acesso em: 17 maio 2019.

MAPA das rodovias duplicadas (de 4 faixas) no Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/brasil/comments/8p5b3z/mapa_das_rodovias_duplicadas_de_4_faixas_no_brasil/>. Acesso em: 01 maio 2019

MARUJO, Maria Noémi; CARVALHO, Paulo. Turismo, planeamento e desenvolvimento sustentável. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 1, n. 1, p.1-2, ago. 2010. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/4146/1/Turismo%2c%20planeamento%20e%20desenvolvimento%20sustent%C3%A1vel.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES. 2019. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-jose-dos-ausentes.html>>. Acesso em: 06 maio 2019.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica, 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 659 p. (Face Norte). ISBN 8575035053

OLIVEIRA, Thiago Corteletti de. **Resort Ecológico**. 2004. 59 f. Monografia (Especialização) - Curso de Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/501/1/2004_ThiagoCorteletti.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2019.

O VEÍCULO Elétrico. Disponível em: <<http://www.golfe.tur.br/veiculoseletricos.php>>. Acesso em: 17 maio 2019.

PENA, Rodolfo F. Alves. **O que é Bacia Hidrográfica?**; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-bacia-hidrografica.htm>>. Acesso em 06 de maio de 2019.

PINTO, Paloma Araujo; SANTOS Saulo Ribeiro: **Planejamento Turístico O Caso Do Município De Alcântara -Ma**. Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 10 de jul. de 2010. Disponível em: <www.ucs.br/site/midia/arquivos/planejamento_turistico.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2019.

PLANO DIRETOR (Município). Constituição (2009). Lei nº 811, de 12 de março de 2009. **Lei Municipal Nº 811, de 12 de Março de 2009**. São José dos Ausentes, RS

RIOS: Principais Rios do Rio Grande do Sul. Principais Rios do Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em: <<https://www.visiteobrasil.com.br/sul/rio-grande-do-sul/belezas-naturais/conheca/rios>>. Acesso em: 06 maio 2019

ROCHA, Sheila Silvyane Silveira. Atividade turística sustentável na APA de Santo Antônio - Santa Cruz Cabralia - BA. **Universidade de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 1, p.1-2, maio 2017. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/298/1/2007_SheilaSilvyaneSilveiraRocha.pdf>. Acesso em: 04 maio 2019.

SEGAWA, Hugo,. **Arquitectura latinoamericana contemporánea**. Barcelona: Gustavo Gili, c2005. 135 p. ISBN 8425219558.

SEGAWA, Hugo,. **Arquitectura latinoamericana contemporánea**. Barcelona: Gustavo Gili, c2005. 135 p. ISBN 8425219558

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. ORIGENS, EVOLUÇÃO E TENDÊNCIAS DO SETOR HOTELEIRO. **Univali Periódicos**, Itajaí. 09 jun. 2015. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/7961/4527>>. Acesso em: 04 maio 2019

SUMMA. Brasil: Livraria do Arquiteto, v. 136, 2011. Trimestral.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Arquitetura vernacular:** Em busca de uma definição. 2017. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6431>>. Acesso em: 03 maio 2019.

TRANSPORTE do funicular. 2010. Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/fotos-de-stock-transporte-do-funicular-image17470283>>. Acesso em: 06 maio 2019.

VAN BELLEN, Hans Michael. Desenvolvimento Sustentável: Uma Descrição das Principais Ferramentas de Avaliação. **Ufsc**, Florianópolis, set. 2003.

O VEÍCULO Elétrico. Disponível em: <<http://www.golfe.tur.br/veiculoseletricos.php>>. Acesso em: 17 maio 2019.

VOTU HOTEL. 2016. Disponível em: <<http://www.gcp.arq.br/projetos/votu-hotel/>>. Acesso em: 17 maio 2019.

YÁVAR, Javiera. **Mirante do Gavião Amazon Lodge / Atelier O'Reilly.** 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.mx/mx/759636/mirante-do-gaviao-amazon-lodge-atelier-oreilly?ad_medium=gallery>. Acesso em: 06 maio 2019.

“ A Infraestrutura Verde vem para guiar o desenvolvimento das cidades e a conservação da natureza de forma simultânea.” (BENEDICT) MACMAHON, 2006.

